

## Pastoral da Juventude e a transformação da Comunidade

Considerado o Papa dos Jovens, João Paulo II tinha convicção de que uma "nova humanidade" começaria com eles. Exatamente por isso, falava a esse público de maneira aberta e acolhedora: "Queridos, ide com confiança ao encontro de Jesus e, como os novos santos, não tenhais medo de falar d'Ele!". No interior mineiro, numa cidade que tem como padroeiro um grande amigo de Cristo, essa missão foi cumprida com excelência – especialmente no paróquio de Padre Lúcio Vieira em meados dos anos 90. No período, entre outras pastorais, foi reimplementada aquela dedicada à Juventude. O trabalho de Monsenhor Elói também ganhou artigo especial assinado por Marcus Santiago nesta edição.

**Págs. 4 e 5**

## E afinal, quem foi Vasco da Gama?

Não, esta não será uma matéria ligada ao futebol – mas vai passar por ele, de certa forma. Afinal, difícil ouvir "Vasco da Gama" e não pensar no time brasileiro com relevância nos gramados. Acontece, porém, que em 1898 a agremiação foi fundada como um clube de regatas por... remadores. E a escolha do nome teve, sim, muitos motivos. Gama foi um dos mais importantes navegadores da História, tendo descoberto (finalmente!) o caminho marítimo em direção às Índias. Confira mais detalhes de sua biografia em texto de Lígia Castro.

**Pág. 10**



## CATADORES DE CAFÉ, SEMEADORES DE HISTÓRIAS

"Tenho uma amiga, vizinha maravilhosa ao estilo tia cuidadora, que já foi catadora de café. Uma viagem de carro de São Tiago até Bom Sucesso passando pela Fernão Dias ofereceu tempo suficiente para que ela falasse sobre casos, histórias e situações, montando um recorte de sua vida no final dos anos 80, como catadora de café. Nascida, criada, casada e transformada em mãe em Capelinha, sempre viveu com dificuldade, trabalhando com o marido em roças e fazendas nas cercanias, levando os filhos a tiracolo".

**Pág. 15**

## Quando férias eram celebradas

Está lá, na Constituição Federal: a Educação é um direito fundamental de todos. Houve um tempo, no entanto, em que o próprio Ensino Básico era restrito. E avançar além do período de Alfabetização era possível apenas aos mais abastados – ou apadrinhados – que precisavam também se deslocar para cidades maiores em busca do diploma. Fácil entender, assim, por que recepcioná-los durante as férias rendia verdadeiros eventos e comemorações. Tudo ao redor da boa, farta e mais que saborosa mesa.

**Pág. 18**

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



# PREÂMBULO

## TEMPOS DE APREENSÃO E DEPURAÇÃO

**"E aqueles que são belos, oh, quem os deteria? A aparência transita sem descanso em seu rosto e se dissipa. Assim o orvalho da manhã, o calor do alimento – o que é nosso flutua e desaparece" (Rilke – "Segunda Elegia – Duino").**

Muitos, multidões vivem a ilusão de que a vida se resume em matéria. Eis o apego egôlatra, acumulativo de bens materiais. A inquietante, obsessiva supervalorização do mundo do dinheiro e do trabalho mecanicista. Uma arbitrariedade, uma insanidade, esquecendo-nos de que estamos negligenciando – como nos alerta Cristo – o ético-espiritual, ou seja, a "melhor parte" (Lc 10,38-42) de que somos parte de um todo, de um mesmo rebanho (Jo 10,14-16 / Ez 34, 11-12) e não os donos do planeta.

Tudo o que é material é finito, se dissipa como o orvalho da manhã, como a beleza de um rosto crepuscular... O filósofo grego Heráclito (535-477 a.C) afirmava, para tanto, a mutabilidade de todas as coisas (panta-rhei, em grego): "Tudo flui, tudo cede, nada no mundo se mantém fixo, estável, eterno". Heráclito, para tal, criou a seguinte e conhecida fórmula: "Ninguém se banha duas vezes nas mesmas águas do rio".

Fixamos, projetamos nossa felicidade naquilo que é transitório, fugaz – relacionamentos muitos deles sem compromissos, status, viagens, consumismo, enfim agitação, exteriorização. A vida nos diz que tudo isso, ainda que nos seja agradável, torna-se uma teia ilusória, pois não somos proprietários – e sim usuários – desses valores. Somos magnetizados pelas experiências do mero prazer, bem-estar, impulsos sensoriais externos, em grande parte primitivos. Uma visão mecanicista, desgastante do trabalho gerando/envolvendo passividade mental, pensamentos e tendências padronizadas, desconectado das realidades interiores. O foco na conquista material, no consumo, na satisfação pessoal dispersiva a que se soma a influência maléfica da propaganda, tornando-nos verdadeiras manadas, robotizadas, manipuladas por grupos com interesses escusos, egoístas – daí o crescimento de impulsos totalitários, preconceituosos, as fake news vigentes e crescentes na sociedade.

O planeta acha-se saturado de processos antinaturais de vida, de comportamentos belicosos, de vícios, de arrogância, rebeldia, predação, reagindo com transtornos climáticos e epidêmicos. Povoamos e poluímos a atmosfera com irradiações inferiores e viciosas. Autores como D. Danowski e E. Viveiros de Castro alertam que estamos saindo da zona de segurança ante a crescente perda da biodiversidade, a interferência humana no ciclo do nitrogênio, o quem vem levando a fatores como brutais alterações climáticas, à acidificação dos oceanos, mutações nas estações, ao aquecimento global. A Gaia que reage ao Antropoceno. A força invisível, impassível da natureza convulsa!

Momentos que nos requerem ressignificação, solidariedade, recomposição de laços familiares e sociais, a redescoberta da intimidade, diálogo; o repensarmos radicalmente nossas práticas e modos de estar no mundo, polindo-se o individual, exaltando-se o social, o planetário. Momento de nos reinventar, de rever nossas posições ante a janela da vida, nos desintoxicando do consumismo desenfreado, de buscar a espiritualidade, ou seja, "horizontes de esperança e autotranscendência", no dizer do eminente teólogo Leonardo Boff.

Tempos de substituírmos a individualidade da pirâmide que rege a hierarquia social pela espiral ou vórtice coletivo, enriquecendo-se a humanidade com impulsos superiores – liberdade, altruísmo, amor e respeito ao próximo, empatia, dignidade, equanimidade. Afinal, nenhuma conquista material ou mesmo intelectual é mérito único nosso e sim coletivo.

Somos, pois, arrancados de nossos tronos, despidos de nossas presunçosas armaduras de senhores feudais, de nosso narcisismo, forçados a envergar a túnica da humildade, da impotência, da fragilidade. Onde as nossas máscaras de autossuficiência, de prepotência, de que somos as pessoas mais importantes do mundo?! A inadiável exigência de reflexão sobre nossa permanência, nossa precariedade temporal, nossa não substancialidade; de mantermos relações amigáveis com todos os seres e com o planeta-lar que generosamente nos acolhe, de bem reajustarmos e harmonizarmos as qualidades do coração e da inteligência.

"Na verdade, a terra está contaminada pelos seus próprios moradores, porquanto têm transgredido as leis, alterado os estatutos e quebrado a aliança eterna" (Is 24:5).

"Assim diz Javé, o Senhor Deus: Eu te julgarei de acordo com o que praticaste, pois renegaste os teus votos, rompendo a nossa aliança" (Ez 16:59).

## Adivinhas/Charadas

- 1- Qual o nome de mulher de 7 letras que só tem 3 letras?
- 2- O pai vai ao cartório registrar o nome do seu filho de Pelé. O escrivão pergunta por que mudar de ideia e trocar Édson por Pelé? O que foi que o pai respondeu?
- 3- Qual o sobrenome que racha madeira?

**Respostas:** 1- Bárbara; 2- Édson era antes do nascimento; 3- Machado

## Provérbios e Adágios

- Se fores a Roma, viva como um Romano. (Se for a algum lugar ou país, viver de acordo com os costumes locais).
- Quem anda com lobos, aprende a uivar.
- Vasos vazios são mais barulhentos.
- Toda festa quer véspera.
- Em dia de festa, a barriga atesta.

## Para refletir

- Se você não sabe qual é a sua missão na vida, já tem uma: encontrá-la (Viktor Frankl)

É no momento da mais profunda dúvida que nascem as novas certezas. Nesse mesmo sentido, talvez a desesperança seja o adubo que alimenta a esperança humana; talvez nunca experimentássemos o sentido da vida, se antes não tivéssemos experimentado seu absurdo (Vaclav Havel, pensador e político tcheco, Prêmio Nobel da Paz)

Quanto maior for o caos, mais perto estará a solução (Provérbio chinês)

## REGISTRAMOS/AGRADECEMOS

Ex.mo Sr. João Pinto de Oliveira

Digníssimo Redator do Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região

Cordiais saudações!

Com imensa alegria pude contactar-me com esta pessoa maravilhosa que é o Sr. João Pinto, pois Deus o fez uma pessoa muito boa, como cristão e como cultivador das letras sobre São Tiago e região. Agradeço-lhe de coração pelos livros deixados na Agência do SICOOB em Nazareno para me entregar. Eu os recebi, sim, com imensa alegria. São ótimos para serem lidos e vividos, pois enriquecem o conhecimento dos seus leitores, pesquisadores, professores, alunos e acadêmicos etc., cultores da filosofia, sociologia, religião, letras e artes. O que lhe agradeço cordialmente. Por sua vez, agradeço-lhe o envio do periódico *Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região*, desde os tempos em que fui Administrador Paroquial em Ibituruna (6 anos), Vigário Paroquial em Lavras (3 anos e meio) e em Nazareno (atualmente). Deus abençoe com saúde, paz e alegria.

Por fim, gostaria de continuar recebendo o periódico em minha nova residência:

Pe. Sílvio Firmo do Nascimento

Vigário Paroquial da Paróquia do Santuário de Nossa Senhora de Nazaré – Diocese de São João del-Rei – MG.

**"Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas"**

(Jo 10,11).



## Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

 credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

**Comissão:** Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle  
**Coordenação:** Ana Clara de Paula  
**Redação:** João Pinto de Oliveira  
**Colaboração:** IHG – São Tiago  
**Apoio:** Maria Luíza Santiago de Paula  
**Revisão:** Fábio Caputo e Sandra Caputo  
**Jornalista Responsável:** Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

## AO PÉ DA FOGUEIRA



### O ANEL DE DIAMANTES

Usufruíra, regaladamente, em companhia de familiares, suas merecidas férias. Aliás, duplas, tríplexes férias ou quem sabe quádruplas. Como magistrado, no comando, então, de comarca interiorana, cidade de porte médio, de nosso meio, era aquinhado com vantagens, benesses olímpicas, penduricalhos, longe do que poderia ou possa supor a vã imaginação dos súditos, acostumados a minguados salários, quantos tantos à inópia. Autonomia, recessos, acúmulo de funções, verbas indenizatórias, ajudas de custo, bonificações as mais exóticas, elevavam ao cubo seus salários, algo inimaginável para pobres plebeus.

Ei-lo agora, pois, em meritórias férias, equidistante dos problemas comuns, dos contactos provincianos, das questões existenciais, que lhe chegavam para juízo cotidiano, quantas delas sórdidas, e que ele, no fundo, menoscava. Faziam-lhe mal tais fatos, falhas humanas, crimes, pobreza... Sonhava, de há muito, ser removido para a Capital, ocupar uma cadeira de desembargador, cargo tão próprio ao seu preeminente, aristocrático temperamento, à altura de sua nobre cerviz, de sua casta. E para o que contava com a intercessão de políticos e amigos poderosos, todos mexendo os paus junto às altas autoridades governamentais, igualmente castas poderosas que nos regem e nos governam, desde que Cabral aportou a estas terras e as tomou em nome de El-Rei.

Vaidoso, jactancioso, gostava de se exhibir. Frequentador de butiques e lojas de grife, vestia-se impecavelmente em alinhados ternos Armondi, alguns adquiridos em suas costumeiras viagens mundo afora. Homem de cargos, títulos, credenciais, prêmios jurídicos, – não apenas na exuberante conta corrente bancária – mas troféus, diplomas, comendas, guizos a atrair olhos invejosos, atenção, muda invidia. Mas o que mais o atraía, eram as joalherias, as mais requintadas e requisitadas, onde apreciava relógios e joias caras,

optando por ostentá-las em recintos palacianos, em locais que ele denominava “civilizados” – leia-se estrangeiros – onde a marginalidade ainda não tomara conta das ruas e dos próprios palácios, como ocorre entre nós.

Ali, em Aruba, decide ir à praia, um passeio, um mergulho no mar tão aprazível, águas convidativas. Esquecera-se, todavia, de deixar o anel cravejado de diamantes no cofre do hotel, adquirido, quando de uma de suas dezenas de viagens, em um dos países do Golfo Pérsico, por ele ali portado. Algo digno de um sultão, um emir!

Imergindo, por poucos minutos, na água, ao retornar à areia, cadê o anel? Um susto... Uma tragédia... Procura nas adjacências, apalpa a areia, convoca os familiares, dá ciência a alguns outros compatriotas ali presentes, espalham-se por um raio maior e eis, de momento a outro, um grupo a tentar recuperar o anel das mil e uma noites.

Um senhor próximo, ao que parece inglês, comenta:

– Frequento esta praia há anos. Nunca vi o mar devolver quaisquer objetos de valor ou não, acaso levado de algum banhista.

Toda onda que chegava à praia, muitas trazendo algum objeto ou ser vivo, era cuidadosamente observada, mapeada... Todos ali em pé, alerta máximo, passam-se minutos, horas até...

O sol já se encobrendo, nosso nobre amigo já pesaroso, choroso, eis que uma onda maior joga um objeto à praia. O anel!

O homem era realmente um privilegiado, protegido dos deuses, que até mesmo Netuno, o Senhor dos mares, se curvava ante a deusa da justiça, ali pomposamente representado pelo emérito juiz, devolvendo-lhe com escusas o luxuoso anel de diamantes...

Ahm sim... Pessoas há que nascem com estrela na testa, o rei na barriga e com o bumbum para a lua!



## Juventude Católica São-tiaguense nos anos 90: Fé, Ação e Compromisso

No paróquiato do Pe. Lúcio Carlos Vieira (1996–1998), em sua primeira estadia em nossa paróquia, houve uma significativa transformação estrutural e pastoral da comunidade. Pe. Lúcio foi responsável por criar e organizar diversas pastorais que até então não existiam na paróquia, além de promover uma grande reforma na Igreja Matriz, beneficiando todos os paroquianos. Seu zelo pelos festejos religiosos de São Tiago era notável e demonstrava alegria ao conduzir as celebrações. Antes delas, tudo era bem organizado e ornamentado. Entre seus grandes feitos, destacou-se o trabalho com a juventude, que resultou na criação de novos grupos de adolescentes e jovens, além do fortalecimento dos já existentes. Com apoio do jovem Lucimar Lino (Lucas) reimplantou a Pastoral de Juventude.

Durante esse período, observou-se um expressivo aumento no número de coroinhas. Adolescentes e jovens começaram a se envolver ativamente nos movimentos e pastorais da paróquia, dedicando-se ao voluntariado em diversas ações. Essa fase foi marcante para a juventude de São Tiago, caracterizada por um forte espírito comunitário e engajamento. Muitos jovens foram incentivados a participar de encontros importantes, tanto na sede da diocese quanto além dela, como os promovidos pela Pastoral da Juventude, pelo Movimento de Cursilhos da Cristandade, entre outros. Entre as iniciativas do Pe. Lúcio, destacam-se a criação dos grupos: “Juventude Eucarística Santiaguense” (JES), “Grupo de Adolescentes de São Tiago” (GAST), “Pré-Adolescentes Seguindo a Cristo” (PASC), “Pré-Adolescentes ao Encontro de Cristo” (PAEC) que acolhiam participantes de diferentes faixas etárias e contribuíam para a sua formação cristã e moral.

Nas missas das 9h, as crianças da Catequese e os adolescentes das turmas de Perseverança e Crisma participavam ativamente, animando os cânticos. Após receberem a Primeira Eucaristia e a Crisma, eram incentivados a colaborar em outras pastorais e movimentos da paróquia, fortalecendo a continuidade de seu engajamento.

Um marco importante desse período foi a participação

dos jovens no último domingo de outubro no Dia Nacional da Juventude (DNJ), realizado na Diocese de Oliveira. O evento inspirou a paróquia a organizar, mensalmente, uma celebração especial voltada aos jovens. Com a criação de novos grupos, como os “Construtores da Paz” e o “Raio de Luz”, as coordenações juvenis se reuniam e, ao final de cada mês, preparavam a missa, que se tornou uma celebração muito aguardada.

A Missa da Juventude no final de cada mês, à noite, era frequentada por uma grande maioria de jovens mesmo os que não faziam parte dos grupos. Embora o propósito da missa permanecesse o mesmo, a preparação feita pelos jovens dava à celebração um toque especial. As responsabilidades eram bem distribuídas: leitores, equipe de acolhida para a distribuição de folhetos, músicas, mensagens, apresentações teatrais, entrada da Bíblia e dinâmicas. Mesmo nos dias chuvosos, a juventude comparecia com entusiasmo, e seu testemunho, motivação e alegria serviam como um convite para que outros jovens seguissem Cristo e colaborassem na Igreja.

Naquela época, o Pe. Marcelo Rossi, em seu auge, atraía muitos fiéis com suas músicas e celebrações carismáticas, utilizando uma linguagem acessível e acolhedora. Inspirado por essa atmosfera de renovação, o grupo Construtores da Paz da Renovação Carismática Católica (RCC) se reunia após a missa dominical em uma sala da paróquia. Depois, passou a alternar os encontros entre rodas de animação e louvor, acompanhados por violão e uma tabaca ao lado de fora da Matriz. O momento atraía a atenção de muitas pessoas que se aproximavam para apreciar a alegria e a espiritualidade dos jovens, sempre encerrando o encontro com orações.

A Missa da Juventude perdurou por alguns anos, tornando-se um símbolo da união e da fé da juventude católica são-tiaguense, evidenciando a força e o compromisso dos jovens com a Igreja.

**Marcus Santiago**  
IHGST/ALSJRD

# MONSENHOR ELOI E A JUVENTUDE SÃO-TIAGUENSE

Há algumas décadas, a juventude não exercia o protagonismo que possui hoje em diversos setores e contextos. Esse protagonismo é fundamental, pois fortalece as expectativas para o futuro. Contudo, um dos párocos que esteve mais tempo à frente da comunidade sentia a necessidade de um maior engajamento dos jovens. Para isso, buscava criar espaços onde pudessem se reunir e refletir sobre suas jornadas, escolhas e aspirações, com o objetivo de buscar o melhor para suas vidas. Ele não queria que os jovens seguissem caminhos que proporcionassem realizações instantâneas, vazias e passageiras. Em vez disso, promovia ambientes que possibilitassem experiências significativas, permitindo-lhes construir um projeto de vida sólido.

Em São Tiago, era visível a preocupação de Monsenhor Eloi com a juventude. Nos programas das festas do padroeiro e durante a Semana Santa, sempre reservava um espaço para encontros de jovens, com palestras e reuniões no salão paroquial do Edifício São José e em clubes da cidade. Durante seu paroquiato, a cidade recebia missionários salesianos, redentoristas e outros, que contribuíam nas principais festividades religiosas, aproveitando essas ocasiões para promover a formação da juventude em temas sociais, cristãos e educacionais. Um fato marcante sob sua liderança foi a criação do Ginásio e Colégio Santiaguense, que oferecia formação profissional e preparava os jovens para a vida.

Com o apoio e incentivo do Monsenhor Eloi, Pe. Tiago de Almeida desempenhou um papel fundamental na promoção da juventude são-tiaguense nas décadas de 1960 e 1970. Com seu carisma admirável, ministrava palestras, cantava, tocava acordeom e realizava peças teatrais, sempre estimulando os jovens ao engajamento pastoral e social, além da busca de um futuro promissor por meio da educação e da partilha. Com sua vocação voltada para o trabalho com a juventude, Pe. Tiaguinho fundou o movimento 'Jovens Construindo', cujo objetivo era fomentar a participação ativa dos jovens em suas comunidades e tornar-se multiplicadores das ações em prol de outros jovens.

No final da década de 1970, surgiu o grupo Juventude Unida de Santiaguense (JUSA I), que desempenhou um papel importante na vida da Igreja. Após o seu encerramento, surgiu o JUSA II, dando continuidade à missão do primeiro grupo. Os



jovens também estavam ativos nas associações, na comissão de jovens vicentinos e em outros movimentos religiosos da época, testemunhando e sendo *"sal da terra e luz do mundo"* (cfe. Mt. 5, 13-16).

Em novembro de 1980, Monsenhor Eloi inovou ao convidar os jovens que completariam 15 e 18 anos naquele ano para uma celebração comunitária. Para garantir a precisão dos dados, consultou os registros paroquiais de batismo e enviou cartas-convite a todos. Naquela época, a cidade ainda era pequena,

e o pároco conhecia a maioria das famílias, já que havia batizado praticamente todos da faixa etária. As cartas chegaram a todos, exceto àqueles que não residiam mais em São Tiago ou cujos endereços não foram encontrados. Na circular, além de outras informações destacamos: *"Gostariamos que você, possivelmente, participasse e comungasse, recebendo o Pão dos fortes e crescendo em todos os sentidos (...)".*

Antes do dia da celebração, Monsenhor Eloi promoveu três encontros: dois à noite e um no sábado à tarde, contando com a ajuda de dirigentes de movimentos e associações, que ministraram palestras com formação geral, realizaram dinâmicas e promoveram momentos de espiritualidade. A celebração comunitária de ação de graças foi realizada pela primeira vez no início de dezembro de 1980, criando um grande momento de encontro entre gerações e suas famílias. Essa iniciativa continuou por alguns anos...

Monsenhor Eloi valorizava todas as ações em prol dos adolescentes e jovens. Em São Tiago, em meados da década de 1970, incluiu a matéria de Escotismo na grade curricular da 8ª série do curso Ginásial, com aulas ministradas pelo Capitão Onofre. Havia alunos que participavam apenas das aulas, enquanto outros se engajavam ativamente em um grupo de escoteiros mirins, também conhecidos como "lobinhos", utilizando uniformes e praticando habilidades e valores como cidadania, honestidade, lealdade, honra, respeito, amizade, tolerância, solidariedade, cortesia, preservação do meio ambiente e cuidados com o corpo e o espírito, além de ajudar a comunidade e organizações locais.

Os jovens participantes das ações da Igreja Católica apoiavam, incentivavam e até se engajavam em outros grupos da cidade,



como o "Força Jovem", também conhecido como "Caminheiros da Luz", vinculado ao Instituto Tiago Apóstolo. Esse grupo, muito relevante na época, estava comprometido com questões coletivas e iniciativas comunitárias, como campanhas de agasalho, doação de alimentos, defesa ecológica e programas de lazer, sempre promovendo ideias saudáveis e progressistas.

No final de 1985, realizou-se o "I Seminário da Juventude de São Tiago", que ocorreu de 28 de novembro a 2 de dezembro. O evento incluiu palestras, sessões culturais, shows de calouros, noites de artes, gincanas e diversas outras atividades, resultantes de uma parceria entre a Igreja Católica e instituições locais.

Monsenhor Eloi realmente teve um papel fundamental no apoio e direcionamento da juventude são-tiaguense. Ao longo de seu paroquiato (1955-1996), se dedicou a oferecer orientação espiritual, apoio e oportunidades de crescimento pessoal, promovendo atividades que ajudavam os jovens a se envolverem mais ativamente na comunidade. Sua missão inspirou várias gerações, fortalecendo não apenas a fé, mas também a cidadania e o compromisso social dos adolescentes e jovens.

**Marcus Santiago**  
**IHGST/ALSJDR**



FOTO: GENEALOGIAFB.BLOGSPOT.COM

## EMIGRANTES DO NORTE DE PORTUGAL E SUA FORTE PRESENÇA NO TERRITÓRIO DAS MINAS E NO POVOAMENTO DE NOSSA REGIÃO – SÉCULOS XVIII E XIX

O Brasil, durante séculos, esteve presente no imaginário do emigrante português, servindo de polo de atração e fascínio para milhões de patrícios, conforme mencionou Alexandre Herculano: “O Eldorado onde para achar ouro não há mais que tocar naquelas praias abençoadas” (apud J. Serrão – “Testemunhos da emigração portuguesa” Lisboa, Ed. Livros Horizonte, 1976, p. 94). Um vasto contingente de portugueses, oriundos do norte daquele País, emigrariam para a região das Minas, em especial no século XVIII, para aqui trazendo, reconstituindo, aplicando práticas e padrões comportamentais peculiares da terra natal. Segundo historiadores, o território mineiro tinha características econômicas, sociais e culturais similares ao norte português (províncias do Minho, Douro e Trás-os-Montes)<sup>(1)</sup>. São raros, contudo, os trabalhos referenciados sobre a diáspora portuguesa nos séculos XVIII e XIX, em especial com foco na família e sua repercussão no passado brasileiro. Especificidades e complexidades que envolvem o conhecimento, o comportamento das famílias de então – aquelas que se adequavam aos modelos tradicionais e outras que se aproximavam da realidade colonial com alta incidência de ilegitimidade, concubinato, bastardia e abandono infantil.<sup>(2)</sup>

O norte de Portugal era caracterizado, então, por acentuada tendência migratória masculina, conduzindo a proporção maior de mulheres, que ali permaneciam, à condição de chefes de domicílios. Assim, cidades como Guimarães, Montaria, Ancora apresentavam, segundo censos da época, expressiva predominância de mulheres, a maioria solteiras, na proporção média de 80 homens para cada 100 mulheres. A defasagem de homens, provocada pela emigração, geraria um significativo número de mulheres celibatárias ou que se casavam com idade mais amplificada, ou seja tardiamente, em geral após os 25 ou 30 anos. Isso se dava pela expectativa das mulheres aguardarem o retorno dos homens, em sua maioria jovens, que tinham se deslocado/emigrado para as colônias portuguesas e possivelmente dotados de melhor condição financeira, quando do eventual regresso.

O português do norte e dos Açores era marcado pela mobilidade, pela evasão, é o que afirma Maria Olimpia da Rocha Gil (“Os Açores e a nova economia de mercado – séculos XVI-XVII”). Havia, ademais, a preocupação dos chefes familiares quanto à preparação dos filhos para a vida adulta, o que incluía a saída de casa, enviando-se algum descendente para os estudos ou para aprender um ofício, pois o sucesso do processo migratório revertia em benefício para toda a família. Inúmeros temas envolvem o emigrante português em sua trajetória e modos de vida presentes na América, por vezes com comportamentos desviantes, avaliados do ponto de vista sociopolítico, socioeconômico, demográfico-

co, sociocultural, a saber índices de nupcialidade, idade média de casamento, percentagem de mulheres solteiras, índices de ilegitimidade e abandono infantil etc. Muitas interrogações e inquietantes respostas: que fatores levaram tantos indivíduos do norte português a atravessarem o Atlântico, atraídos aos milhares como moscas, rumo à América Lusitana? Quem eram tais protagonistas – sua vida pregressa, seus costumes, comportamentos, ideais? Qual o rol de desafios, oportunidades, estratégias de sobrevivência, sabendo-se que, em sua maioria, eram dotados de poucos recursos? Que redes familiares e escolhas matrimoniais aqui operaram? Lembremo-nos que muitos deles se enraizaram e constituíram família, desenvolvendo atividades econômicas e sociais na nova terra, aqui encerrando suas existências e dos quais muitos de nós somos descendentes...<sup>(3)</sup>

O sistema de heranças e propriedades vigente em Portugal, incluindo regimes sucessórios não igualitários<sup>(4)</sup>, a abundância de pessoas face aos poucos recursos disponíveis, levava à exclusão de parcelas da população, forçando-as a abandonar a terra, a exploração agrícola e daí a emigração além mares. A maioria dos emigrantes, sem os benefícios legais dados pela Coroa aos colonizadores privilegiados, aqui deparavam com situações as mais difíceis. As estratégias de formação e reconstituição de laços familiares ser-lhes-iam muito úteis, permitindo o enraizamento dos recém-chegados, sendo uma delas casamentos com mulheres autodeclaradas naturais da Corte (54% das mulheres, a título de exemplo, na região de Borda do Campo, assim se declararam, segundo estudos de Mônica Oliveira). Era, igualmente, uma forma apoiada pelo Reino e pela Igreja, de se combater a miscigenação, as uniões consideradas ilícitas e de se fortalecer o eugenismo. Pesquisas apontam, contudo, nas áreas mais ruralizadas ou inóspitas da região das Minas, elevado número de uniões de portugueses com mulheres índias, pardas, mulatas, pretas forras. O concubinato, a ilegitimidade, visto por vários setores como anômalos, compunham o cotidiano de parte da população, quer no território da Metrópole, quer no espaço da América Portuguesa, ou seja, os arranjos familiares – legítimos ou alternativos – coexistiam intensamente<sup>(5)</sup>.

Devido a escassez masculina, nas regiões do norte português, a permanência e preponderância de mulheres proporcionaria a estas certa independência no contexto sociofamiliar e ainda um padrão cultural de gestoras da propriedade familiar, facultando-lhes cuidar dos pais na velhice, herdarem em condições de igualdade com os homens, de residirem na propriedade dos pais após falecimento destes, em suma passavam a serem ativas economicamente em suas comunidades. O celibato perderia o peso de estigma social, adquirindo aceitabilidade familiar, mesmo permanecendo soltei-

ras, tornavam-se as cuidadoras e gestoras dos pais na velhice<sup>(6)</sup>.

Uma das consequências da desproporção entre homens e mulheres e da taxa reduzida de casamentos formais, foi a ilegitimidade (nascimento extraconjugal de muitas crianças) gerando cifras alarmantes de nascituros e de menores em regime de orfandade. O pesquisador Guimarães Amorim, ao estudar a proporção de crianças abandonadas em relação ao número global de nascimentos em cidades do norte português, encontrou o aterrador índice de 12,9% em 1799 e em 1810 e 1819, tal índice chegaria aos 21,9%. Em 1820, cerca de 10.000 crianças eram/foram abandonadas em Portugal com milhares e milhares de expostos em instituições religiosas e públicas, assunto ainda hoje espinhoso, vergonhoso e não devidamente esclarecido. A emigração masculina e o abandono de crianças, mesmo por parte de casais ou lares regularmente constituídos, tinham como base uma única raiz – a miséria econômica que atingira Portugal, em particular as províncias do norte, que tinham grande densidade demográfica, propriedades rurais com pouca área cultivável, economicamente inviáveis, os núcleos familiares múltiplos, acolhendo familiares e agregados não conjugais.

### EMIGRANTES DO NORTE PORTUGUES REPRODUZEM NAS MINAS AS MESMAS CARACTERÍSTICAS DE SUA CULTURA NATAL

– O mesmo quadro de além mar seria observado na região das Minas. A partir de 1695, com a descoberta de ouro, milhares de emigrantes portugueses para aqui se deslocaram, em especial das províncias do norte português (Minho, Douro)<sup>(7)</sup> além de naturais das ilhas de Açores e Madeira. Um fluxo ininterrupto – mesmo com a exigência de passaporte pelas autoridades portuguesas a partir de 1720<sup>(8)</sup> incluindo mulheres que aqui chegavam ainda crianças ou jovens em companhia dos pais migrantes. Assim, a análise de certidões de casamentos, testamentos do século XVIII apontam a altíssima quantidade de noivos ou testadores oriundos do extremo norte de Portugal. Mesmo apontamentos (denúncias/processos) movidos pelo Santo Ofício na Capitania das Minas envolvem considerável número de portugueses do norte. Os processos inquisitoriais e análises de censos da época revelam, ademais, a intensa mobilidade espacial por parte da população, em especial dos chefes de família e mesmo filhos, característica comum aos oriundos do norte português. A composição demográfica acompanhava a deterioração econômica (esgotamento dos veios auríferos) gerando grande mobilidade interna na região das Minas, tal qual sucedera na terra natal dos emigrantes<sup>(9)</sup>.

Ao final do século XVIII e inícios do século XIX, como vimos, a emigração masculina no território das Minas, provocaria desequilíbrio entre os gêneros, com alto índice de celibato<sup>(10)</sup> e ainda da assunção da chefia de domicílios por parte de mulheres<sup>(11)</sup>. A incidência de ilegitimidade de filhos (havidos fora do casamento) tornar-se-ia alta, em grande parte entre ex-escravas, mas igualmente de mulheres livres. Com base nas listas nominativas de 1831-1838, 16% das crianças na região das Minas foram geradas extraconjugalmente, e elevado número delas tornavam-se abandonadas ou expostas, ainda que em número menor ao observado no norte português. Em 1770, em Vila Rica, registrou-se o número de 99 crianças abandonadas e que na década seguinte subiu para 164 (Registro de expostos – Câmara Municipal de Ouro Preto – anos 1774-1779).

Além dos casamentos com mulheres de origem pátria, os emigrantes portugueses, valiam-se das redes relacionais como os apadrinhamentos dos filhos, estratégias que se tornavam valiosíssimos instrumentos de solidariedade e de superação de dificuldades locais e circunstanciais – a função do dom e contra dom, próprios do antigo regime. O compadrio fortalecia os laços de identidade e de ajuda mútua entre os que chegavam e os que já se achavam estabelecidos no novo mundo. Aqui, os emigrados, seguindo o roteiro econômico da região, constituíam unidades produtivas agrícolas e/ou comerciais, fixando-se, em sua maioria, definitivamente na nova e promissora terra.<sup>(12)</sup>

### NOTAS

(1) Pesquisadores como Donald Ramos (1993) comprovaram estatisticamente a forte presença de indivíduos provindos do noroeste de Portugal, sobretudo do Minho (47%), com ênfase para os distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto, após a travessia do Atlântico, com destino e fixação na região aurífera das Minas.

A região do Minho, segundo Caroline Brettel (1991) e Margarida Durães (2002) era densamente povoada com o sistema fundiário de minifúndio, exploração agrícola familiares de pequena escala (autos-subsistência). Dai a posse de bens fundiários simbolizar ali poder e

prestígio social. Os proprietários maiores (senhorios) utilizavam-se do trabalho de camponeses; as grandes propriedades, contudo, por força da fragmentação fundiária, atendiam a um número cada vez maior de famílias, gerando dissensões, empobrecimento e falência patrimonial familiar.

• Caroline Brettel – “Homens que partem, mulheres que esperam: consequências da emigração numa freguesia minhota” Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991.

• Margarida Durães – “A posse da terra na região rural de Braga no século XVIII” In Revista Ler História n. 13, pp. 57–83, Lisboa, 2002. A prof<sup>a</sup> Elena Maria Campos, em seu investigativo e instilado trabalho acadêmico “Desvendando aspectos demográficos, econômicos e sociais do distrito de São Tiago na primeira metade do século XVIII” (UFSJ, 2006, p. 21) esclarece: “Quanto à nacionalidade da população livre (listas nominativas 1831-1832), verificamos que os brancos não o informava. Mas, analisando os inventários e testamentos (post-mortem para os séculos XVIII e XIX – São Tiago) pudemos constatar que predominam em São Tiago os naturais do distrito e nascidos nas localidades próximas. Porém, verificamos uma presença considerável de pessoas descendentes de portugueses provindos principalmente da Ilha de Santa Maria e Ilha Terceira e do bispado do Porto”.

• Maria Sílvia Volppi Scott, em sua obra “Desvios morais nas duas margens do Atlântico: o concubinato no Minho e em Minas Gerais nos anos setecentos” (2001) analisou a comunidade minhota de São Tiago de Ronfe, Concelho de Guimarães, no século XVIII em comparação/paralelo à Capitania de Minas Gerais. Já em sua tese de doutoramento, Ana Luisa de Castro Pereira “Unidos pelo sangue, separados pela lei: família e ilegitimidade no Império Português” (2009) desenvolve um estudo comparado entre São João do Souto, região do Minho e Nossa Senhora da Conceição de Sabará em Minas Gerais no século XVIII (abordagem da questão da ilegitimidade ou nascimento ilegítimo envolvendo homens, mulheres e crianças da época).

(2) Autores como Augusto Neves e Peter Laslett apontam a presença/existência de sub-sociedades, com distinções regionais, com acentuada propensão à bastardia, algo verificado à larga na região noroeste de Portugal e transplantado para a região das Minas.

• Antonio Augusto Neves – “Filhos das ervas: a ilegitimidade no norte de Guimarães – séculos XVI-XVIII” Universidade do Minho, 2001.

• Peter Laslett – “Family forms in historic Europe” Universidade de Cambridge, 1983.

(3) As massas de portugueses que atingiram a região das Minas no século XVIII eram avassaladoramente oriundas do norte e nordeste daquele país. Iraci Del Nero encontrou um percentual de 68,1% de indivíduos do norte português em Vila Rica; Renato Pinto Venâncio uma taxa de 75% em Paracatu; Júnia Ferreira Furtado um índice de 77,4% entre comerciantes portugueses na primeira metade do século XVIII; Carla Almeida a taxa de 89% do total de homens portugueses pesquisados.

(4) O sistema de “intestação” (entrega da terça, por parte do testador, a um dos herdeiros em prejuízo dos demais) comum no norte português, embasava-se nas Ordenações Régias, que, embora determinassem a distribuição e o (com)partilhamento da herança de forma igualitária, em dois terços dos bens, sendo que o terço restante seria definido livremente pelo testador. Na região do Minho, em especial, ocorriam estratégias que escamoteavam o princípio da divisão igualitária como as chamadas “doação da casa” ou “da terça” ao filho primogênito ou àquele que se casasse primeiro, que tivesse maior habilidade de gestão patrimonial ou outros pretextos ou artimanhas utilizadas pelos testadores. Estratégias que foram transferidas e reproduzidas no Brasil pelos imigrantes do norte português, inclusive com situações em São Tiago (ver matéria “Terra, família, a economia colonial-imperial” boletim n. CLXI, Fevereiro/2021, pp. 14–15).

Família troncal – a privilegiatura de um dos herdeiros em detrimento dos outros, envolvendo institutos de herança como da terça, de livre nomeação pelo testador e ainda dos “prazos de vida” (concessão do domínio útil pelo senhorio). Eram formas de preservação da propriedade familiar numa região cujo solo era intensamente ocupado, recursos confinados e com propriedades de pequena dimensão espacial. Os costumes de herança buscavam evitar/prevenir uma excessiva fragmentação da terra, o que levaria, por outro lado, à inviabilidade econômica e ao consequente desmantelamento do grupo familiar.

Pouquíssimas oportunidades de trabalho fora da agricultura. O milho, introduzido em finais do século XVI, transformou-se a principal cultura do Minho, cuja constância conseguia reduzir as fomes periódicas, que, até então, assolavam a região.

A emigração representava uma saída, uma válvula de escape, para os filhos excedentários, mormente os homens jovens, que buscavam sair da casa paterna, a fim de não serem obrigados a conviver, a depender e a permanecer sob a autoridade do herdeiro favorecido com a posse da propriedade ou seja não viverem condenados e constre-



gidos à sombra do irmão senhorio.

(5) Pesquisadores como Maria Sílvia Bassanezi (1994) apontam outras causas para o alto índice de relações extraconjugais, à época: as dificuldades impostas pela Igreja e pelo Estado, burocracia, exigências e normas excessivas, altas taxas cobradas nos processos de dispensa e para a realização das cerimônias matrimoniais, as extensas dimensões territoriais, atividades (como a mineração) de intensa mobilidade populacional, a displicência do clero, ou seja, condições efetivas que inviabilizavam e/ou agravavam uniões estáveis. Segundo a historiadora Mary Del Priori, nos primórdios coloniais “com certeza, pequena parcela das maternidades era vivida no cenário das relações lícitas e estas, sem dúvida, pertenciam à elite da colônia” (“Ao sul do corpo – condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia” USP, 1990). O casamento e as unidades domésticas se firmariam essencial e majoritariamente junto à população colonial com grande parcela de maternidade vivenciada no interior das relações legítimas, mormente nas áreas agropastoris.

(6) Um grande número de mulheres, excluídas do casamento ante o desequilíbrio de gêneros, não abriram mão das chances de compor/estabelecer uma família, ainda que à margem dos modelos impostos pela Igreja ou pela tradição cultural minhota. Utilizavam-se, para tanto, como via de escape, do concubinato, das relações e uniões não legitimadas, fenômeno observado mais frequentemente dentre as mulheres mais pobres e sem acesso à terra.

(7) Cidades do norte de Portugal de onde provieram grande número de emigrantes para nossa região: Amarante, Chaves, Miranda, Mirandela, Guimarães, Póvoa de Varzim, Viseu, Valença, Matosinhos, Maia, Vila Nova de Gaia, Monção, Vila Real, Lamego, Ponte de Barca, Vila Flor, Viana do Castelo, Porto, Braga, Bragança, Barcelos, Vidago, Penafiel, Santo Tirso, Vila Nova de Famalicão, Arouca, São João de Arcos, São Miguel de Rôres, São Veríssimo, Santana de Vimieira, Valongo, Ponte de Lima, Filgueiras.

(8) Lei de 20-03-1720 tinha como um dos argumentos o fato do Minho ter sido anteriormente a província mais povoada de Portugal, não havendo mais, por força da emigração, “pessoas suficientes para cultivar a terra ou prover para os habitantes”.

(9) O emigrante que rumava para o Brasil era tipicamente um minhoto. O Minho, dado o fluxo emigratório contínuo desde o século XVI voltado para o Brasil, conviveria com pautas de baixa nupcialidade e conjugalidade distintas (casamentos na faixa etária de 25/30 anos), níveis altos de celibato (35%), famílias troncais. Além do “canto de se-reia” brasileira, outros fatores contribuíram para tais índices: o regime de propriedade da terra (privilegiatura de alguns filhos em detrimento dos outros, a chamada “partilha preferencial”); o desequilíbrio demográfico e de gêneros (carência de homens x excesso de mulheres), constrangimentos econômicos gerando, por sua vez, mecanismos relacionais alternativos e subversivos, fora dos padrões religiosos, envolvendo relações fora do casamento, concubinato, concepção de filhos naturais, estarrecido número de crianças abandonadas.

(10) Pensadores conceituados como Pierre Chaunu (“História, ciência

social: a duração, o espaço, o homem na época moderna” Madri, 1985) consideram que a proeminência do celibato ocorrente no sul da Europa, aí inclusa a Península Ibérica, se deve à sua condição católica e ascética, conquanto repressiva, contraposto ao norte europeu, de índole protestante e mais permissiva ou liberal.

(11) Outra característica observada na Capitania das Minas era a incidência de familiares nucleares ou simples chefiadas por adultos, incluindo inúmeras mulheres, que nunca se casaram. Em Vila Rica, no ano de 1838, cerca de 14,6% de todas as casas eram encabeçadas por mães solteiras, número que, segundo pesquisadores, chegavam a 32,9% em outras localidades da região (Comarca de Vila Rica).

(12) A maioria dos reinóis emigrados era solteira, aqui assumindo um papel relacional – uma série de escolhas, desafios e decisões, que incluíam, ao lado da fixação e exploração da terra em comunidades, via de regra rurícolas – as escolhas matrimoniais, a criação de redes de solidariedade e afinidade (relações compadrescas), tudo no intuito de consolidar o sonho da realização pessoal, enriquecimento e da estabilidade/estratificação social.

Ao contrário das pequenas extensões/explorações enfiteutas em território luso, os emigrantes encontrariam na América vastas e alargadas proporções de terras, solos férteis, água abundante, o suporte imprescindível da mão escrava, permitindo a muitos, substancial produção agropastoril, cujo excedente era carreado para o mercado interno, fomentando sobremaneira a economia familiar. O trabalho feminino far-se-ia igualmente presente nos setores da fiação, manuseio de teares, gerando a produção de artigos têxteis para toda a família. Muitas propriedades, ademais, eram autossuficientes, incluindo serviços e oficinas de carpintaria, ferraria, olaria etc. Quanto à arquitetura, as casas passavam a ser cobertas de telhas, os espaços familiares privativos, objetos e equipamentos domésticos, de um modo geral, rústicos, mobiliário igualmente parco e exiguo, respondendo as necessidades básicas do cotidiano (à exceção de alguns abastados que exibiam, em seus solares, peças de alto requinte). À mesa, os reinóis refinariam seus hábitos, passando a utilizar-se de talheres, louças, pratos, em substituição ao hábito comum no Reino ou na Colônia de se comer com os dedos.

A civilidade ensaiava, assim, os seus primeiros passos nas mesas rurais e mineradoras. No tocante ao vestuário e ourivesaria (uso de joias e adornos) eram igualmente parcos tais hábitos, primando as famílias, de uma forma geral, pela simplicidade e exiguidade quanto à sua utilização, salvo aquelas com requintados hábitos de sociabilidade. Tratava-se, por outro lado, muitas vezes, de jogos de aparência, numa sociedade altamente hierarquizada, que requistava refinamento e aconchego, onde se media o outro pela posse da fundiária e propriedade escrava. A presença marcante da fé religiosa, com oratórios e mesmo ermidas. Outrossim, muitos legariam valiosos patrimônios, conforme testamentos e inventários post-mortem, dada a preocupação com investimentos em terras, ativos econômicos em escravos, enfim na materialidade de bens, no efetivo sustento da família, deixando para segundo plano a composição do interior da casa, a indumentária, mesmo a aparência física. Uma existência, para muitos, de caráter privativo e provativo!

## ALGUNS NOMES DE PORTUGUESES NATURAIS DO NORTE DE PORTUGAL QUE SE FIXARAM EM NOSSA REGIÃO - NOSSOS ANCESTRAIS

Domingos Monteiro Lopes, batizado aos 18-08-1679, n. da freguesia de São João de Arcos, Areias do Vilar, concelho de Barcelos, arcebispado de Braga.

Veríssimo Gonçalves Ribeiro, nascido por volta de 1714, n. de São Miguel de Roriz, vila de Prados, concelho de Barcelos, arcebispado de Braga.

Manoel Martins Gomes, natural da freguesia de São Veríssimo, concelho de Amarante, arcebispado de Braga.

Manoel Ferreira Pereira, n. da freguesia de São Salvador de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, arcebispado do Porto.

Luiz Cardoso Osório, n. da freguesia de São Tiago de Rande, concelho de União (hoje Concelho de Felgueiras) arcebispado de Braga.

Manoel Marques de Araújo, n. da freguesia de Santa Ana de Vimieiro, conselho e arcebispado de Braga.

Pascoal Fonseca e Silva, n. da freguesia de São Mamede de Valongo, concelho e arcebispado do Porto.

Tomás Mendes, n. da freguesia de São Paio de Fão, Concelho de Esposende, distrito de Braga.

Francisco Pinto Rodrigues (1721-1792) n. da freguesia de Martinho de Pauzadas, termo de Barcelos, arcebispado de Braga.

José Rodrigues do Souto, n. da freguesia de São Miguel do Souto, concelho de Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro, bispa-

do do Porto.

Manoel José de Barros, n. da freguesia de Divino Salvador de Bertandos, concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, comarca de Valença, arcebispado de Braga.

Manoel Marques de Carvalho, nascido aos 05-05-1727, n. da freguesia de São Salvador de Ruivães, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito e arcebispado de Braga.

Manoel de Araújo Sampaio, n. da freguesia de Santa Maria Madalena, distrito de Vila Real, comarca de Chaves, arcebispado de Braga.

Manoel Gonçalves de Araújo, n. da freguesia de Santa Maria Madalena, vila de Chaves, distrito de Vila Real, arcebispado de Braga.

Cap. João Gonçalves de Mello (o velho) n. da freguesia de Santo Estevão, termo de Chaves, distrito de Vila Real, arcebispado de Braga.

José Ribeiro de Carvalho, natural da freguesia de Chão do Marão, distrito e comarca de Vila Real, arcebispado de Braga.

Pedro Bernardes Caminha, natural da freguesia de Vilaça, termo de Monte Alegre (ou freguesia de Santo Antonio de Paredes, comarca de Chaves) arcebispado de Braga.

(Nossos agradecimentos ao ilustre historiador Vinicius Mata pelo apoio/revisão do material supra).

## OBJETOS IMPOSSÍVEIS

FONTE: CIENCIAHOJE.ORG.BR



### A FITA DE MÖBIUS

Apesar de ser um objeto que realmente existe, ao contrário do que o título sugere, a Fita de Möbius pode ser considerada quase impossível por ser tão extraordinária. Esta entidade matemática deve seu nome a August Ferdinand Möbius que a estudou em 1858, tornando-a importante nos ramos da Geometria e Topologia.

Uma maneira simples de se fazer uma Fita de Möbius é tomar uma faixa de qualquer material flexível, dar um meio giro em uma de suas pontas e costurar as duas extremidades. Uma característica matemática que a torna fascinante é ser o que se define como "objeto não orientável": aqueles para o qual não existem definições como a parte de cima e a parte de baixo, de dentro e de fora, e também de começo e fim, o que a torna infinita e de certa forma sugere o próprio símbolo escolhido para representar o conceito de infinito. Não por acaso é o logotipo do Impa, Instituto de Matemática Pura e Aplicada no Rio de Janeiro.

Coloquialmente pode-se dizer que ela é uma fita de um lado só, apresentando somente uma borda, sua única fronteira. Caso se inicie um movimento longitudinal sobre ela, após um ciclo completo volta-se ao ponto de partida, sem interrupção de continuidade.



FONTE: BEHANCE.NET

### O TRIÂNGULO DE PENROSE

O Triângulo de Penrose, ou Tribarra, é uma criação artística do sueco Oscar Reutersvärd datada de 1934 e popularizada pelo matemático Roger Penrose em 1950, depois de publicar seus estudos sobre figuras impossíveis em uma revista de psicologia britânica.

A inserção de algo deste tipo em um periódico de psicologia se justifica, pois esta representação gráfica brinca com a mente e os sentidos do espectador envolvendo-o numa ilusão de ótica, pois na verdade é algo impossível de ser construído em sua forma pura. Apesar de se apresentar como um objeto sólido cujas barras se encontram de forma consistente nos vértices esse arranjo não pode ser aplicado a um objeto com existência tridimensional.

Alguns escultores já criaram instalações tridimensionais abertas em que um observador posicionado em pontos específicos e pré-determinados terão um ângulo único de visão que simulará um Triângulo de Penrose.

FONTE: BRINQUEDOSMATERIALREUTILIZADO.BLOGSPOT.COM



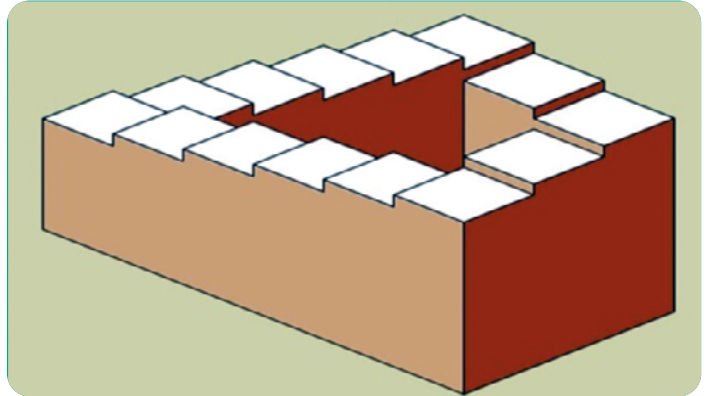
### A GARRAFA DE KLEIN

Descrita pela primeira vez em 1882 pelo matemático alemão Felix Klein a Garrafa de Klein é uma evolução geométrica da Fita de Möbius para um espaço de quatro dimensões, onde é um objeto possível e totalmente sustentado por análises e formulas matemática. No mundo real é inviável. O que o artesanato de vidro oferece é simplesmente uma visão simplificada em 3D, onde a intersecção entre o gargalo entrando no bojo da garrafa fica clara e aparente, o que não acontece no modelo multidimensional, mesmo que seja de difícil alcançar a compreensão e a visualização desse tipo de realidade.

Apresenta as mesmas propriedades de uma superfície não orientável, não tendo, entretanto, nenhuma borda. Se a Fita de Möbius é uma faixa de somente um lado a Garrafa de Klein seria uma garrafa sem interior. Passa por dentro de si mesma, sem a existência de orifício e não consegue conter nenhum líquido, o que naturalmente é uma impossibilidade física.

Nos anos 60 e 70 a Garrafa de Klein foi utilizada pelo psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan como elemento de construção de suas teorias psicanalísticas.

FONTE: TECHTUDO.COM.BR



### A ESCADA DE PENROSE

A Escada de Penrose, a chamada escada impossível, destaca no próprio nome uma indicação de sua origem, de seus criadores e uma correlação íntima com ao Triângulo de Penrose, sendo na realidade uma variação do mesmo tema.

Essa escada sem fim é uma representação bidimensional de um conjunto de lances de degraus que se conectam com uma aparente normalidade formando um loop contínuo. Uma pessoa poderia escalar esta escada para sempre sem, entretanto, nunca atingir maiores alturas, o que seria totalmente contraditório com a geometria euclidiana tridimensional.

P.S.: Curiosidade: no piso da Matriz de São Tiago há um ladrilho hidráulico com desenhos que sugerem degraus de escada que enganam o nosso olhar.

Fabio Antônio Caputo

## QUEM FOI VASCO DA GAMA (NAVEGADOR PORTUGUÊS)

## 500 ANOS DE FALECIMENTO



Por Ligia Lemos de Castro  
Professora de História

Vasco da Gama (1469 – 1524) foi um navegador, explorador e administrador português. Possui grande importância nas navegações portuguesas na época dos descobrimentos e conquistas.

Foi nomeado, pelo rei Dom Manuel I, comandante da frota que saiu da Europa e chegou às Índias, estabelecendo uma nova rota marítima para o Oriente, contornando a costa africana pelo Cabo da Boa Esperança.

Essa empreitada representou uma das mais importantes viagens na época das Grandes Navegações, o que resultou no domínio das rotas comerciais pelos portugueses.

Vasco da Gama nasceu em 1469 em Sines, na região do Alentejo, Portugal. Filho de Estêvão da Gama e Isabel Sodré, sua família era nobre e abastada.

Estudou navegação e matemática em Évora, o que lhe auxiliou nas diversas viagens que realizou.

Seu pai era um navegador experiente e, com sua morte, Dom João II resolve colocar Vasco da Gama em seu lugar.

Ele passou pelos oceanos Atlântico e Índico, chegando às Índias e estabelecendo

uma nova rota para o comércio de especiarias. Após o seu grande feito, tornou-se um homem rico e respeitado no país.

Casou-se com Catarina de Ataíde, filha do Alcaide de Alvor, e com ela teve sete filhos. Quando voltou às Índias pela terceira vez, ficou muito doente, já que foi acometido pela malária.

Faleceu na cidade de Cochim, na Índia, em 24 de dezembro de 1524.

## A VIAGEM DE VASCO DA GAMA

### (DESCOBERTA DO CAMINHO MARÍTIMO À ÍNDIA)

Vasco da Gama teve um papel preponderante na descoberta de uma nova rota marítima para as Índias. Na época, esse país representava um importante centro produtor e comercial de especiarias, tecidos e pedras preciosas.

Foi ele quem comandou a expedição marítima que saiu de Portugal (Lisboa) em 8 de julho de 1497, contornou o continente africano, cruzando o Cabo da Boa Esperança, até chegar nas Índias.

Após viajarem cerca de 20 mil quilômetros durante meses, eles chegaram às Índias em 20 de maio de 1498.

Ao chegar em Calicute, cidade situada na costa ocidental da



Retrato de Vasco da Gama (1838)



Viagem de Vasco da Gama (linha demarcada em preto)

Índia, Vasco da Gama vai ao encontro do samorim, título dado à liderança que governava a região, e lhe oferece diversos presentes, dentre os quais espelhos, contas de vidro e lã. No entanto, dado o baixo valor destes presentes em relação ao alto valor das mercadorias indianas, o governo local foi hostil com o navegador.

Os portugueses também enfrentaram as hostilidades dos negociantes árabes, que já tinham comércio estabelecido na região.

Ainda assim, permaneceram por cerca de 5 meses nas Índias, retornando em agosto de 1498 e chegando em Lisboa entre julho e agosto de 1499. Menos da metade da tripulação sobreviveu à viagem.

Assim, o monopólio comercial que até então era das cidades italianas de Gênova e Veneza, começa a mudar.

De tal modo, a Coroa portuguesa, bem como a classe burguesa, chegaram a obter elevados lucros com as especiarias, joias e tecidos vindos das Índias.

Em 1502, Vasco da Gama volta às Índias com 20 embarcações. Chegando lá eles lutam e, por fim, fazem aliança com os reis de Cochim e Cananor. Além disso, estabeleceu feitorias e entrepostos comerciais na África e na Índia.

Quando retorna a Portugal (1503), os navios vêm carregados de especiarias, joias e tecidos. Em reconhecimento aos seus feitos, recebeu os títulos de Conde da Vidigueira (1519) pelo rei D. Manuel I e vice-rei da Índia (1524) por D. João III.

Quando realizou a terceira viagem para as Índias, em 1524, logo contraiu malária, doença que o matou. Seus restos mortais foram enviados para Portugal e atualmente se encontram no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa.



Vasco da Gama perante o Samorim de Calicute (1498), Veloso Salgado.

## CURIOSIDADE

A obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, foi inspirada na viagem de Vasco da Gama. Confira o primeiro trecho da obra:

## CANTO I

As armas e os Barões assinalados  
Que da Ocidental praia Lusitana  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CROWLEY, Roger. *Conquistadores: como Portugal forjou o primeiro império global*. Tradução Helena Londres. São Paulo: Planeta, 2016.

FONSECA, Luís Adão da. *Vasco da Gama: o homem, a viagem, a época*. Lisboa: Comissariado da Exposição Mundial de Lisboa, 1998. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20463>.

## VULTOS FAMILIARES E HISTÓRICOS DE NOSSA REGIÃO

### JOAQUIM DA MATA SOBRINHO

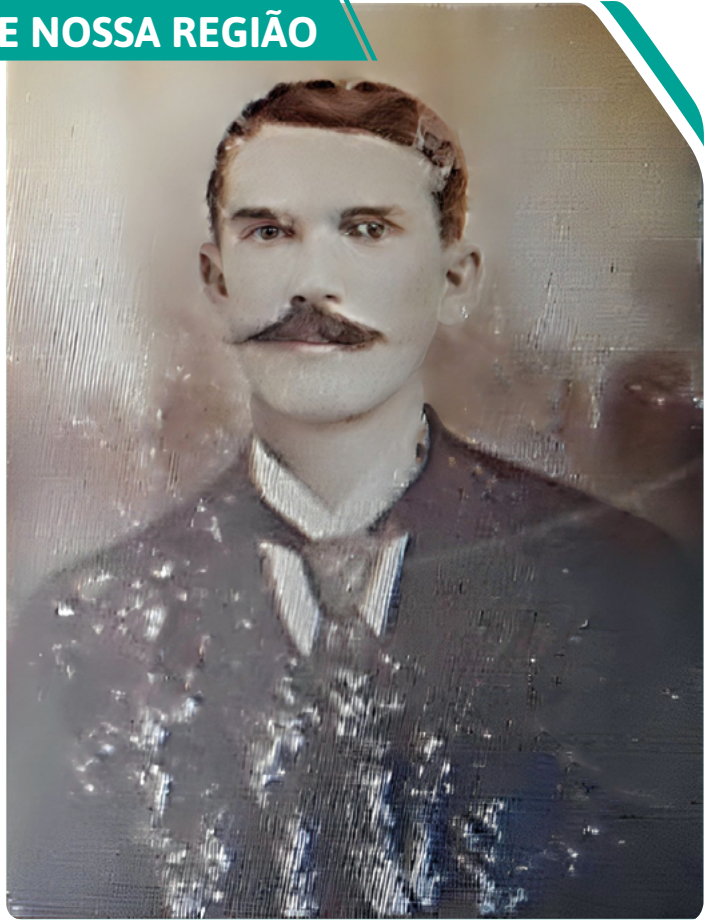
Joaquim da Mata Sobrinho, popularmente conhecido em família como Quinzinho. Joaquim era natural de Conceição da Barra de Minas/MG, onde nasceu no ano de 1870. Era filho de José Pedro da Mata (1840–1908) e de D. Balbina Lina Viana (1853–1934). Seu pai foi importante figura no meio político de Bom Sucesso, e fez parte da primeira câmara de vereadores da cidade, quando de sua instalação em 1873.

Joaquim, assim como seu pai, foi também importante ator social nas comunidades de Bom Sucesso e São Tiago. Em São Tiago, além de reconhecido fazendeiro – sendo proprietário da fazenda das Laranjeiras – esteve envolvido nas primeiras comissões de construção da Igreja Matriz daquela localidade. Representando São Tiago, foi ainda vereador em Bom Sucesso durante o quadriênio de 1919 a 1922.

Terá sido nessa época que intensificaram-se suas vindas a Bom Sucesso, e como tal, daí surgido a necessidade de obter uma casa na cidade, e foi por volta de 1925 que ele terá, então, adquirido o casarão situado à Rua dos Passos, hoje Rua Capitão Maromba, tendo aí vivido por um curto período.

Foi casado duas vezes, deixando dos dois matrimônios larga descendência. Casou-se primeira vez com sua tia materna, D. Emília Lina Viana (1869–1907), filha de Joaquim Viana de Souza (1820–1903) e de D. Lina Maria Vieira (1835–1905), e desse matrimônio teve 6 filhos: 1– Wanda da Mata (1891–1961); 2– Alice da Mata (1894–1977); 3– Sansão Augusto da Mata (1896–1960); 4– Laura Lourdes as Mata (1900–1986); 5– Joaquim da Mata Júnior (1902–1993); e José Augusto da Mata (1906–1965).

Casou-se segunda vez com sua prima, D. Carmelita Ferreira Viana (1886–1943), filha de Ladislau Ferreira da Silva (1854–1943) e de D. Ana Augusta Viana (1864–1934), e tiveram 11 filhos: 1– Haidée Ferreira da Mata (1908–1992); 2– Oswaldo Ferreira da Mata (1909–1992); 3– Artidônio Ferreira da Mata (1910–1986); 4– Geny Ferreira da Mata (1912–1994); 5– Ione Ferreira



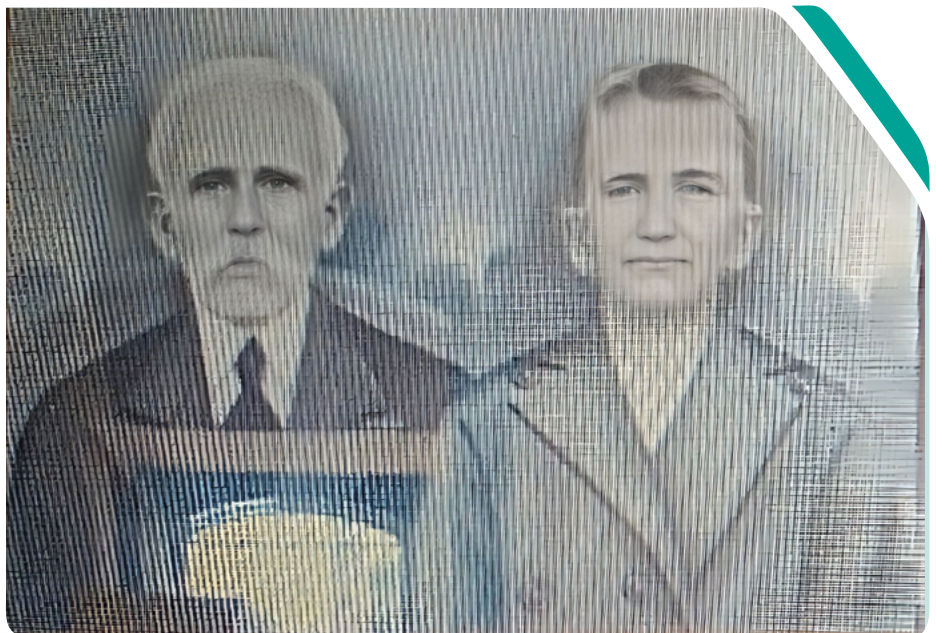
da Mata (1913–2002); 6– Paulo Ferreira da Mata (1916–1997); 7– Pedro Ferreira da Mata (1918–1965); 8– Orlando Ferreira da Mata (1921–2015); 9– Arquidame Ferreira da Mata (1923–1982); 10– Arcanjo Ferreira da Mata (1927–2021); e Íris Ferreira da Mata (1928–1983).

Joaquim da Mata Sobrinho faleceu na fazenda das Laranjeiras, em 24 de agosto de 1928, aos 58 anos de idade, e foi sepultado no cemitério de São Tiago.

### Ladislau Ferreira da Silva e Ana Augusta Viana

Ladislau Ferreira da Silva, conhecido como Lalau, era natural de Bom Sucesso, onde nasceu em 1854. Era filho de Antônio Ferreira da Silva (1817–1890) e de D. Ana Clara da Conceição (1827–1873). Sua esposa D. Ana Augusta, conhecida como Donana, era natural de Ibituruna, onde nasceu em 1864, e filha de Joaquim Viana de Souza (1820–1903) e de D. Lina Maria Vieira (1835–1905).

Ladislau e D. Ana Augusta foram fazendeiros e eram moradores na fazenda da Tartária, local onde nasceria a maioria de seus filhos. Em Bom Sucesso, foram residentes em antiga casa onde hoje se localiza o hotel Bela Vista. Ladislau, além de fazendeiro, foi vereador em Bom Sucesso durante o período do Império. Ambos faleceram e foram sepultados em Bom Sucesso, Lalau em 14 de maio de 1943, e Donana aos 28 de março de 1934. Deixaram geração de 12 filhos.



## PARABÉNS, MINAS GERAIS PELOS 304 ANOS - 02/12/2024

Minas, vasto repertório, que parece um país,  
Um estado grandioso sob o céu azul e paisagens exuberantes.  
Regiões tão diversas, como um mosaico a brilhar,  
Minas, mais que um estado, um universo a explorar.

Talentos que brotam como nascentes a jorrar,  
Neste imenso território, a se desdobrar.  
Municípios se entrelaçam como fios a tecer,  
Minas, um cenário de cultura a florescer.

Sabores e aromas que encantam, como a boa comida mineira,  
Tradições, costumes que resistem, e por si só falam  
Causos contados como folclore a se espalhar,  
Minas, um livro aberto de histórias para contar.

Pessoas importantes, filhos dessa terra vasta,  
Minas, berço de vários talentos,  
Lugares bonitos, coloridos, pessoas alegres e trabalhadoras.  
Minas, um sorriso largo sempre a se mostrar.

Cachoeiras que cantam, como sinfonias da natureza,  
Rios que serpenteiam, trazendo vida e beleza.  
Minas, um cenário pintado de verde e azul a dançar,  
Neste vasto estado, a se revelar.

Marcus Santiago



## *Cuidar da alma da Humanidade*

Tinha 25 anos quando testemunhei, pela primeira vez, o sofrimento humano em larga escala. Estávamos em 2008 e eu tinha ido viver numa cidade remota do estado do Maranhão, no nordeste brasileiro. Embora tivesse esperanças de poder começar ali uma vida nova, a pobreza extrema e a violência estrutural com que me deparei expandiram a minha visão do mundo num sentido que nunca tinha imaginado.

O Maranhão é um lugar exigente. Trata-se de

um dos estados mais carenciados do Brasil, com uma elevada percentagem da população a viver abaixo do nível de pobreza. Os legados conjuntos da colonização, da corrupção e da destruição ambiental desferiram um fortíssimo golpe na biodiversidade e na cultura deste estado.

A deflorestação desempenhou também um papel predominante no empobrecimento das comunidades locais, sobretudo nos nove estados que constituem a zona denominada de Amazônia Legal. As indústrias da extração, a agroindústria e a pecuária desbastaram enormes extensões de floresta e concentraram o poder nas mãos de alguns proprietários, em detrimentos dos seus muitos habitantes.

Quando me mudei para lá, trabalhava ainda como dentista e fazia parte de uma equipe médica que tentava inculcar conhecimentos básicos de saúde oral nas populações das aldeias mais remotas. Foi uma dessas expedições médicas que mudou o curso da minha vida. O contacto com o sofrimento abriu-me oportunidades de prodigar cuidados e amor aos outros, e nunca mais fui a mesma pessoa.

Ainda recordo esse momento com nitidez. As ruas empoeiradas conduziram-nos a uma aldeia composta por casas feitas de lama. Viam-se crianças nuas com os ventres inchados e a pele castanha coberta por camadas de um pó avermelhado. A carrinha rolava devagar e as crianças acenavam para nós. A cena atraiu a minha atenção e causou-me algum espanto.

Nenhum dos meus colegas reparou nas crianças. Perguntei a duas enfermeiras locais por que razão as crianças corriam atrás de nós. Pensei, por momentos, que podiam estar a divertir-se. As enfermeiras disseram-me, num tom frio, que esperavam que lhes atirássemos pedaços de comida pela janela, para depois os apanharem do chão e comerem. Fiquei sem palavras. Embora todos parecessem aceitar um tal estado de coisas, recusei-me a ficar indiferente perante aquelas crianças. A indiferença face ao sofrimento alheio anestesias a nossa humanidade.

Nos 18 meses que vivi na região, trabalhei de perto com crianças malnutridas e pobres, tentando ao máximo contribuir para que ficassem mais saudáveis do ponto de vista dentário. Essa experiência ajudou-me a refletir e a crescer interiormente. Embora tivesse uma carreira estável e promissora como dentista, comecei a sentir uma certa inquietação e a experimentar sentimentos contraditórios.

Levei anos a compreender que essa inquietação era uma voz que me chamava a trilhar o caminho do serviço comunitário. Era uma espécie de melodia que me transmitia o pulsar de todos os seres da Terra. Nascemos para servir o propósito mais elevado da vida. Para a maioria de nós, contudo, essa melodia encontra-se abafa-

da por camadas de omissão. Tinha chegado a altura de procurar novas formas de estar no mundo. Pus a minha carreira entre parênteses e segui o meu coração. Nunca me arrependi. Quando se abrem dentro de nós as portas do cuidado e do amor pelos outros, abre-se também a possibilidade de ver o Outro de forma diferente e de reconsiderar as nossas prioridades e valores.

É este o tipo de apelo que a cidadania global tem para mim, ao mostrar o quanto pertencemos a uma humanidade interconectada e partilhamos uma casa comum. É justamente desta percepção que o cuidado, o amor e a responsabilidade nascem e crescem. E é esta a atitude que a nossa casa sofredora e bela nos convida a assumir. Tornar-se um cidadão global numa sociedade global fragmentada demonstra uma postura desafiadora e corajosa. É a nossa consciência, enquanto cidadãos globais, que sustém os filamentos de conexão nestes tempos tão difíceis e sombrios.

Neste momento, trabalho com comunidades desalojadas à força de diversas partes do mundo. Face às piores crises humanitárias dos nossos tempos e à enormidade do sofrimento a que assistimos, a consciência da nossa interconexão nunca foi mais premente. Sobretudo nas respostas humanitárias, uma vez que os refugiados e os requerentes de asilo são reduzidos a ameaças à segurança nacional, à ordem social e à herança cultural. Uma narrativa deste tipo apenas aumenta o sofrimento nos centros de detenção, nos campos de refugiados, e nas fronteiras, onde o estacionamento de forças militares mostra o quanto é urgente abrir a nossa porta individual e coletiva ao cuidado e ao amor.

Num mundo devastado por desigualdades extremas, guerras e mudança climática, os que vivem em cenários de pobreza são diariamente espoliados da sua humanidade e dignidade. Precisamos de uma narrativa para estas vítimas da narrativa dominante. Precisamos de humanizar as experiências de vida de pessoas forçadas a fugir dos seus países, de pessoas a viver em condições de extrema pobreza, de pessoas que são excluídas nas nossas sociedades. Precisamos de histórias que celebrem a nossa interconexão e cuidado pela alma da humanidade, e que também reconheçam as vozes e a contribuição dos que vivem em contexto de pobreza múltipla.

Precisamos de uma narrativa humanitária ancorada na unidade e no amor que reconheça o valor intrínseco de todas as formas de vida. À medida que alargamos o círculo da humanidade, tecemos um manto de amor, de pertença e de cuidado pela alma da humanidade. Penso que uma tal narrativa pode ser o caminho para o desabrochar de uma cidadania global.

**Bruna Kadletz**

## Ontem, como hoje (I)

–Se você não gosta de siglas, não leia –

Mamma mia!

Cai a ficha hoje, tantos anos depois: balão de ensaio, factóides, arapongagem, grampo telefônico mesmo com aparelhos a manivela, melindres políticos, partidos rachados (olha o pleonasmo aí, gente!), nacionalismo exacerbado, tudo isto já existia ali em São Tiago, cidade que tinha o Cerrado, o Cruzeiro, a Várzea e o Catimbau, mas tudo girava mesmo era em torno da Praça da Matriz – o “Largo”, como algum italiano a chamou primeiro e depois todos nós outros...

Eventualmente alguma coisa podia acontecer noutros lugares, como a serenata em que o Hécio José de Paula Batista enfiou a ponta da sua flauta de lata no buraco da fechadura, na casa da tia Nenega, e tomado por espírito patriótico, tocou de forma fantasmagórica e romântica o Hino Nacional. Não sei se minhas primas gostaram, mas foi uma bela e desafiada apresentação.

No Largo, ao lado do salão paroquial, numa casa muito simpática, moravam meus queridos tios e padrinhos Joaquim Marques da Silva Neto (Quinca) e Rosa Maria de Almeida Marques (Rosita), com seus filhos Rosângela, Onofre, Rosana e Rosa Maria; também a Dona Angelina Dulce, mãe da madrinha Rosita... Ali me hospedava às vezes férias escolares. Que bons tempos aqueles!...

Logo abaixo do Grupo Escolar Afonso Pena, vinha a casa daquela doçura de pessoa, que era a Tia Geralda. A seguir o Bar do Beco, que dava frente para a praça e tinha quintal grande alcançando a rua dos fundos. O bar podia virar salão de baile, ao som de músicas do conjunto formado por Norico, Mário do Antônio Capim, Nhô do João Mateus, Gugute, Langa e outros, com banjo, violão, bandolim, pandeiro e sanfona!

Contava-se que, enquanto o Beco e a Dona Valdemira atendiam no bar, alguns fregueses davam a volta lá pela Rua do Carimbau, roubavam bastante jabuticaba e traziam um pouco para seus verdadeiros proprietários, como presente.

Naturalmente a Prefeitura Municipal tinha que estar ali no Largo. Em determinada época, o prédio público estava em escombros e foi interditado para reformas; tinha um aspecto de ruína e já bem tarde numa certa noite, talvez vinte e uma horas, embora a impressão fosse de que o tempo estava com envelhecimento precoce; tomávamos vinho, enquanto o dono do bar falava dos problemas do município e de política em geral. Penso que éramos três ou quatro estudantes: talvez o Hécio, o Valdir Ferreira Reis... E alguém, não tendo uma lâmpada de Aladim, esfregou a garrafa; não saiu um gênio, mas saiu uma idéia genial: lançar a candidatura do Beco a Prefeito.

Ruas escuras como piche, não sei quem apareceu com um litro deste mesmo produto, e fomos, na calada daquela noite muda, escrever na calçada da Sede do Alcaide: “Aqui estará BECO em quinze de outubro de mil ....”

E também aqui, meus caros, entra a ABIM (Agência Bicentenária de Interceptações Municipais), órgão que agora, quando a comunidade completa trezentos anos, passa a chamar-se Agência Tricentenária e Histórica de Interceptações Muni-

pais e ostentará a majestosa e elegante sigla, nunca dantes vista neste País: ATCHIM!...

Mas por que falar deste ranço do autoritarismo civil, entulho da ditadura Vargas? Explico: em decorrência do ato de indisciplina política, que foi o lançamento daquela candidatura extemporânea, um verdadeiro balão de ensaio, o Capitão-Mor da época acionou os arapongas da ABIM, que, aliados às idosas agentes da PVFJ (Polícia que Vigia das Frestas das Janelas), lançaram a operação GRAHAM e começaram a grahampear todos os telefones, numa espécie de homenagem sádica a Alexander Graham Bell. Num exagero de arrogância e arbitrariedade, até os telefones do STF (Supervisor do Tupinambás Futebol), que nem tinham sido instalados ainda, foram grampeados pelo eficiente DFG (departamento de futurologia do Campo), órgão subordinado à ABIM e altamente qualificado em premonição tecnológica. Pode? Pôde – Vereis!

## Ontem, como hoje (II)

Fôramos descobertos!

Pela manhã, mal o galo havia se esborrachado de tanto cantar, saí do quarto e deparei-me com uma cena inquietante e sombria: sentados na sala, meu tio Quinca de roupão, chinêlos, pernas cruzadas, óculos e cabelos caídos na testa, tipo Jânio Quadros, e o Senhor Pacheco, o alcaide, de terno escuro, gravata, joelhos paralelos e sapatos pretos solidários, segurando firme e forte os apoios frágeis de sufocada poltrona... Lá de dentro vinha uma alarido de mulheres e crianças e um barulho característico de panela cozinhando feijão, mas que naquelas circunstâncias poderia ser um enorme caldeirão para cozinhar um cara-pálida.

Aí, meus prezados, pego de surpresa, levantei os braços em sinal de rendição incondicional e tentei manter a calma, raciocinando: só escrevemos uma frase numa calçada em frangalhos, não roubamos jabuticabas, nem mangas no quintal de ninguém. Está certo que matamos uma pomba juriti e duas maritacas, mas já faz tanto tempo...

Meu Deus, o que será que fizemos desta vez?! A pergunta ficou no ar por muitos e muitos anos, mas agora a ficha vai caindo. Todo aquele alvoroço foi porque, sem querer, querendo, como diria o Chaves, havíamos lançado uma candidatura precoce e indesejada pelas cúpulas. Isto realmente podia trazer sérias consequências para os partidos e rachados. E eu que cheguei a imaginar fosse tudo por preocupação com o piche numa calçada velha de prédio idem!...

Brincadeiras e exageros à parte, O Senhor Otávio Leal Pacheco foi muito comedido e político nas suas considerações e apenas solicitou que não insistíssemos na ideia de promover candidatura nenhuma; então tudo voltou à calma na gostosa praça, que num dia especial do quarto século, agora iniciante na Terra do Café com Biscoito, certamente virá a chamar-se Praça Monsenhor Francisco Elói de Oliveira.

Caríssimos, tudo isto vos escrevo por culpa de um resfriado. Ao espirar, lembrei-me da ATCHIM!..., ex-ABIM, diante do televisor, que nestes dias exhibe a educativa propaganda eleitoral do meu e do vosso tempo. Ó tãpora! Ó mores!

Caminhemos (até as urnas!).

## FATOS

Os fatos, nas reportagens são reunidos, nas crônicas emergem. No conto são relatados, na crônica deixados ver. No romance, seu encadeamento é extenso, de forma real ou fantasmagórica, na crônica fluem das coisas mais simples do cotidiano de quem, com uma colherinha, pastoreia, na mesa do café, as migalhas de pães ou biscoitos...

Efrain Antonio de Marcos  
(Fonte: Livro Opiniões)

## CATADORES DE CAFÉ

Tenho uma amiga, vizinha maravilhosa ao estilo tia cuidadora, que já foi catadora de café.

Uma viagem de carro de São Tiago até Bom Sucesso passando pela Fernão Dias ofereceu tempo suficiente para que ela falasse sobre casos, histórias e situações, montando um recorte de sua vida no final dos anos 80, como catadora de café. Nascida, criada, casada e transformada em mãe em Capelinha, sempre viveu com dificuldade, trabalhando com o marido em roças e fazendas nas cercanias, levando os filhos a tiracolo. Por muitos anos, o casal, como tantos outros, foi atraído pela oportunidade de trabalho disponível na safra do café em diversas localidades da região. O pagamento era considerado atraente para esse nível de trabalho braçal agrícola, serviço pesado, mesmo considerando não ter estabilidade, direitos e ser restrito há alguns meses.

De certa feita o casal aceitou ir trabalhar em uma fazenda de café em Santo Antônio do Amparo. A família, junto com várias outras, subiu em caminhão com os filhos e a tranqueira transportável para encarar o desafio e tirar essa tarefa no município vizinho.

Chegando ao destino o grupo foi alojado em uma grande estrutura que reservava dois cômodos para cada família. Dava para acomodar mais de dez grupos de pessoas. As condições de praxe eram: luz de lamparina, água buscada com balde e caldeirões na represa, banho de bacia e o mato era o banheiro.

Os cafezais são plantados em filas paralelas que recebem o nome de ruas. Os administradores determinam quais ruas devem ter seus frutos colhidos e o trabalho é remunerado de acordo com o volume obtido, em litros. Minha amiga era considerada uma exímia catadora conseguindo recordes acima de mil litros diários. Gostava mesmo era de pegar uma rua só para si, e então voava. Desgastante era limpar o montante catado com a peneira para apurar o produto descartando folhas, gravetos e torrões de terra.

O ato de peneirar fazia a poeira tomar conta da roupa, que, por sua vez já estava repleta de picão e carrapicho inevitáveis. As crianças também sofriam com os carrapichos ficando com a pele cheia de marcas avermelhadas. As roupas, pouquíssimas ou únicas, recebiam uma lavagem semanal que pouco durava. O possível não era suficiente para amainar o choro de incomodo das crianças.

Aconteceu de minha amiga e o marido brigar de forma mais pesada, uma discussão mais feia. Os companheiros, preocupados, chamaram o administrador. Quando chegou, apaziguou, disse que os dois eram pessoas muito boas e que resolveriam tudo. Feito.

Quanto à alimentação, os contratados deviam eles mesmos prepara-la. O patrão oferecia café, não poderia ser diferente, e leite em quantidade generosa que dava até para sempre fazer uns docinhos de leite em losango para comer durante o descanso da lida. O resto seria comprado numa pequena venda à distância de uma boa pernada. No tempo em que ficaram lá não viram nenhuma verdura de folha e legumes de sacolão, exceto tomates e cebolas compradas no armazém. Considerada por ela uma iguaria, comiam muito serraia, ou serralha, folhagem que se propaga fácil pelo chão, como o mato que realmente é, mas tem muitos admiradores.

De certa feita achou um pezinho de tomate miúdo, tipo ce-

reja, tombando de tanto fruto. Levou tudo e fez muito jembê simples. Comeu demais. Cometeu o pecado da gula pagando a penitência passando mal meio a vômitos. Em outro momento,



Os frutos e as mãos – Fonte: images.dawn.com

nesse caso por puro descuido, achou uns lindos pés de almeirão numa curva de nível. Alimentou-se com eles, sem exageros, passou mal de novo. No outro dia o administrador reparou como ela estava bastante enfraquecida, e ao saber do caso disse que ela teve sorte e poderia ter morrido. Aquilo era venenoso. Só cavalo aguenta comer.

Os filhos dos trabalhadores, carentes de agrado, arrumaram uma vontade danada de chupar laranja. Minha amiga reuniu a criançada, uns doze, e foram até uma propriedade vizinha ver se o dono poderia ceder algumas frutas. Era um tipo esquisito. Concordeu e ainda presenteou um molho de couve. Quando voltaram e contaram para o administrador, este ficou bravo e passou uma reprimenda a todos, dizendo que aquele homem tinha história, era louco e poderia ter atacado a todos com um facão. Vai saber!

Quando partiram para encarar a empreitada, para longe do lar, para um lugar estranho, com os receios naturais de enfrentar o desconhecido e superar as dificuldades da vida vivida de forma humilde e com poucos recursos, foram constritos, calados ou rezando, pedindo a Deus proteção e ajuda para conseguir o objetivo. Passados os cinco meses da época de colheita, é hora de retornar para casa, por si só uma felicidade. Para a viagem de volta tudo era diferente. Felizes e falantes todos subiam no caminhão, talvez cantando, soltando foguetes, satisfeitos com os bolsos cheios depois de receber o acerto do pagamento. Não que o dinheiro fosse muito, e realmente não era, mas o bolso se enche mais facilmente de acordo com a necessidade do dono da roupa.

Minha amiga às vezes começa a contar suas histórias com “éramos pobrezinhos”, ou “pobrinhos”, assim mesmo no diminutivo, para abrandar as recordações mais tristes de alguém que sempre transitou entre roças, fazendas e plantações, no limiar da subsistência, sofrendo como filha ou mãe. Lutava como podia, nem que isso significasse rebocar as paredes de taquara do casebre onde moravam com uma mistura de tabatinga e bosta de vaca, para melhorar o ambiente. Ela diz que o cheirinho era bom, com frescor. A juventude, a força do corpo e a vida de catador de café estão no passado. Mudaram para São Tiago em busca de opções de trabalho e um pouco de tranquilidade financeira. Hoje, separada, mas em caso de necessidade ainda auxilia o ex-marido, com os filhos criados, conseguiu se estabelecer na simplicidade merecida. Não esquece os sofrimentos do passado, mas faz questão de se lembrar das coisas boas e alegres. Agradece ao seu Deus pela vida que viveu e reafirma ter sido feliz no meio de tudo aquilo. Algo a se respeitar!

**Fabio Antônio Caputo**

## A Posse Nas nuvens

Não é que esteja eu participando do Tecnofeudalismo, mas senti-me nas nuvens.

Outra nuvem, a da amizade e fraternidade.

Aceito pela AMULMIG. Academia municipalista de letras de MG.

A congreira Silvânia Capanema fez análise profunda de minha obra literária paralela à carreira médica que quase levou-me aos prantos.

Cesar Vanucci, presidente emérito da AmulMig, declarou a característica rítmica de meus poemas que lhe impressionaram quase como música.

Confessou nossa sintonia literária e filosófica. Disse que nós poetas somos essenciais!

E que devemos construir a Paz entre os homens.

Tudo sob a batuta de dom Paulo Wrangler Miranda, meu presidente da Academia e cúmplice tertuliano!

A academia é a Casa de JK, e Casa de São Francisco de Assis. O meu patrono o ministro escritor e médico Paulo Pinheiro Chagas.

Foram muitos lembrados, mas com amigos que estivemos presentes celebramos a literatura e a vida!

[www.franciscoreisbastos.com.br](http://www.franciscoreisbastos.com.br)

Belo Horizonte. - BRASILBR

## PARABENIZAMOS O CONJUNTO MAGNATAS PELA COMEMORAÇÃO DE SEUS 50 ANOS.



## Registro falecimento

Registramos com pesar,  
os falecimentos de:



**SR. JOSÉ JAIME DE CASTRO**  
"ZÉ COITÉ" EM SÃO TIAGO,  
DIA 24/10/2024, AOS 88 ANOS.

**SR. LUIZ DE RESENDE CHAVES**  
"SR. LUIZINHO", EM RESENDE  
COSTA, DIA 13/11/2024.

Enfatizamos uma vez mais que o objetivo do boletim é **REGISTRAR** fatos, informações, dados – com ou sem documentação formal, relacionados à nossa memória cultural. Não temos preocupação metodológica ou interesse em reconhecimento acadêmico acerca dos conteúdos aqui inseridos. Somos o espelho onde busca-se registrar a face de nossas memórias, de recuperação do passado e de nossas tradições.

A identidade de um povo se constrói através da memória e de significantes sociais, daí a necessidade de preservação do patrimônio cultural, mesmo que informal, oral, trabalho expressivo que envolve atuação de contadores de causos, pesquisadores, pessoas do povo.

*"Um galo sozinho não tece uma manhã" (João Cabral de Melo Neto).*

# PADRE NICOLAU BADARIOTTI

FOTO: ANDRÉ BELLO – 8-12-1904, EM C.B.

Nicolau Badariotti, de ascendência italiana, nascido na cidade francesa de Marselha, chegou ao Brasil, como clérigo e missionário salesiano, em 1886, radicando-se em Niterói, no colégio Santa Rosa, da congregação salesiana. Segundo dados que me foram fornecidos pelo *Centro Salesiano de Documentação*, sediado em Barbacena, ele se ordenou diácono em 1888, e sacerdote no ano seguinte, exercendo, em seguida, ainda em Niterói, as funções de conselheiro escolar, isto é, responsável pela disciplina e processamento escolar dos alunos. Em 1892 foi transferido para o colégio São Joaquim, em Lorena, com a mesma função de conselheiro escolar, até o ano de 1895. Nos anos de 1896 e 1897, nada constou dele nos arquivos salesianos de Barbacena, tendo, possivelmente, viajado à Itália, por visitar seus familiares, agora, como padre. Em 1898, por poucos meses, esteve nas Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, exercendo o mesmo encargo de conselheiro escolar. E com essa in-



Sentados: Pe. José Duque de Silqueira, Pe. Domingos Albânelo, Pe. João Batista da Trindade, Pe. Heitor Trindade e Pe. Nicolau Badariotti

formação terminam suas notícias no *Centro* acima citado. E, então se sabe nos seis meses finais desse ano, participou de uma excursão missionário-científica pelo noroeste diamantino de Mato Grosso, entre os índios parecis, como ele mesmo relata no seu livro *Exploração no Norte de Mato Grosso*, publicado naquele mesmo ano. Sucedem-se, então, mais dois anos, 1899 e 1900, dos quais não se tem notícias definidas dele, durante os quais, se pode supor, estivesse cuidando de sua saída da Congregação Salesiana e negociando residência no Arraial de Conceição da Barra, distrito de São João del-Rei. O fato é que, conforme relatei em *Conceição da Barra de Minas: minha Terra Natal*, em 14 de fevereiro de 1912, num emocionante desabafo contra as covardes ocorrências sofridas por seu professor e compatriota, Carlos Sandri, ele afirma: Morei quatro anos em Conceição da Barra, e seis neste Liceu, situado já no Km 139 da EFOM, distante cerca de duas léguas de Conceição da Barra. Testemunho contradicente com o *Anuário de Minas Gerais, ano de 1913*, que, sem dúvida enganosamente, afirma ter o Liceu S. Luiz, do km 139, sido fundado em 1897. A deduzir, pois, da confissão do próprio Padre Nicolau, ele se fixou, como auxiliar do Vigário Pe. João Batista da Trindade, em Conceição da Barra, em 1901. Porém, o jornal são-joanense *O Resistente*, (senão também *O Combate*) já em 1900 se refere ao Colégio São Luiz diversas vezes. Assim na edição de 16 de dezembro desse ano reporta que: *Alegria pela participação da banda colegial, regida pelo maestro Carlos Passos, realizou-se, no Colégio São Luiz, singela festa de entrega de boletins de exames aos alunos*. Ora tal entrega de boletins de exames, denota uma já bem demorada existência do estabelecimento na sede do Arraial. Pelo que ou sei supor, em meu *Memórias Sentimentais de Conceição da Barra de Minas*, que o ano de 1899, teria sido, de fato, o ano inaugural do dito colégio, supondo, com pouca ou nenhuma possibilidade, que o respeitável Padre, no auge de sua raiva, se tenha confundido algum tanto. Na sede do Arraial, portanto, assim imagino, com relativa certeza, o Pe. Nicolau teria permanecido de 1899 até 1905, período fértil em que ali, além do seu *Colégio São Luiz*, da construção do relógio-de-

-sol no adro da matriz, e quicá da importação, em 1904, da *Imagem de Nossa Senhora da Conceição, mármore de Carrara*, fundou ainda, em colaboração com o Vigário e o normalista Carlos dos Passos Andrade [que igualmente também residiu em Conceição da Barra de 1899 a 1912], o *Grêmio Lírico e teatral São Luiz*, para cujas apresentações artísticas cuidou de construir um *Teatro*, igualmente denominado São Luiz, sem esquecer que fundou também a *Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição* [03-11-1900], composta de *orquestra*, coral e a uma *Banda musical*, que daria origem à posterior Banda de Música Santa Cecília. Esta, com a transferência do Maestro Carlos dos Passos para São João del-Rei, em 1912, viria a ser regida, por muitos e muitos anos, pelo sempre lembrado Maestro Miletto José Ambrósio, que, por sinal, foi aluno do Colégio São Luiz, nos primeiros anos de sua existência ali mesmo na sede distrital. || Sobre o Lyceu São Luiz, transferido para o Km 139 da Estrada de Ferro Oeste de Minas, já discorri algum tanto em minhas obras anteriores. Só me cumpre lembrar que, prejudicado por uma concorrência desleal dos frades franciscanos holandeses, com seu Ginásio Santo Antônio em São João del-Rei, o nosso, também famoso, Lyceu São Luiz, lamentavelmente, anunciou o seu fechamento, com esse lacônico e mal redigido aviso publicado pelo Pe. Nicolau em *A Tribuna*, no dia 26 de janeiro de 1919: *Tendo resolvido transferir este Lyceu para Bom Sucesso, estou disposto a arrendar este Lyceu, bem assim, a vender o gado, éguas, no leilão do dia 6 de fevereiro, neste Lyceu*. || Em Bom Sucesso, o padre foi, além de educador, também vigário, vindo a falecer no dia 13 de abril de 1935. A ele podemos aplicar aquilo do grande orador e escritor romano, Marco Túlio Cícero: *A vida dos mortos está na memória dos vivos*. Ou, ainda, como diria o Pe. Dr. Mathias Antônio Salgado: *Cada um com as suas obras é o artífice da imortalidade do seu nome*. Por isso, Padre Nicolau Badariotti, por suas obras tantas e memoráveis, fez a imortalidade do seu nome e viverá em Conceição da Barra, ressuscitado em nossas lembranças, *per omnia saecula saeculorum*!

Prof.: Antonio Gaio Sobrinho



## TEMPOS DE FÉRIAS

Um dos acontecimentos familiares mais festivos, em tempos idos, era a recepção aos filhos jovens que estudavam – ou trabalhavam – em outras cidades, geralmente na Capital e tornavam à casa dos pais, à sua cidade, no período de férias, em especial nos meses de Junho e Dezembro. Poucas famílias, aliás, tinham a primazia de educar os filhos, à época. Evento que se tornava ainda mais marcante, ao final do ano, concomitante às festividades do Natal e passagem de calendário anual. Regozijo intraduzível ao se rever os filhos, separados há meses do convívio familiar. Tempos em que não havia estradas asfaltadas, telefone; contatos por carta ou telegrama demoravam semanas, meses em seu trajeto. As árduas dificuldades de se deslocar, a cavalo, de São Tiago até as estações de Ibitutinga, Congo Fino, Coqueiros ou a Oliveira para se tomar um trem, até mesmo enviar uma correspondência de mais urgência.

A escola, o calendário escolar centralizavam a vida do estudante naqueles tempos; ocupavam senhorial espaço na imaginação e tempo dos jovens – os infintos meses de aula, as cobranças da família, a preparação e o temor das provas, em especial as orais ou práticas, as expectativas das notas e, enfim... férias! Lazer, festas, esparecimentos eram, dessa forma, inteiramente condicionadas pelo calendário escolar!

As famílias mais tradicionais eram, via de regra, de uma solenidade reservada, austera, porém de coração aberto, hospitaleiro, típicos da tradição mineira. Assim, as casas abriam

suas portas e se enchiam de gente moça, de parentes e amigos próximos, de regozijos nesses festivos períodos.

Não só filhos, mas afilhados vinham para visitar os padrinhos. Alguns jovens traziam colegas e amigos, o que aumentava a curiosidade geral. Alguns deles eram seminaristas, estudando em Mariana, Caraça etc.<sup>(1)</sup>. Outros cursavam Direito, Medicina, Odontologia, Farmácia, Letras, Ciências Econômicas etc. em faculdades ou educandários de Ouro Preto, São João del-Rei, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Lavras<sup>(2)</sup>. Não podemos deixar de enfatizar a importância do Colégio São Luiz, que funcionou em inícios do séc. XX, em Conceição da Barra de Minas, sob a direção do Pe. Nicolau Badariotti, onde vários são-tiaguenses estudaram o básico, dentre eles os irmãos João e José Gaudêncio, que se tornariam médicos de renome, vários da família Mata, além de muitos outros. De igual forma, o Colégio Santo Antônio em São João del-Rei, onde se educaram dezenas de nossos jovens. Para as mulheres, época em que poucas famílias se sensibilizavam a respeito, podemos mencionar o Internato Santa Rita (Ritapolis) e ainda escolas normais de São João del-Rei (Colégio Nossa Senhora das Dores, dirigido pelas irmãs vicentinas), Oliveira, Itapacerica, Bom Sucesso etc. Época igualmente do sistema de internatos, comuns por várias cidades da região, onde se podia estudar primeiras letras, para aquelas crianças cujos pais residiam na zona rural<sup>(3)</sup>. Havia o caso de jovens educados em colégios internos, em particular os religiosos, que, por força da repressão, da disciplina rígida,



tornavam-se infantilizados, desajeitados ou inadaptados socialmente. Dentre as famílias que mantinham, à época, jovens estudantes podemos mencionar a grosso: Mendonça, Viegas, Navarro, Ferreira de Carvalho, Ferreira de Resende, Reis, Melo, Oliveira, Pereira, Lara, Vivas, Gaudêncio, Leão, Mata, Ribeiro, Mendes, Campos, Assis Viana, Carvalho, Pinto, Rodrigues de Sousa etc.<sup>(4)</sup>. Muitas até lançavam mão de bens patrimoniais ou mudavam-se de cidade a fim de estudarem os filhos. Há o caso, todavia, de famílias abonadas, que, preocupadas tão somente em aumentar patrimônio, adquirir mais e mais terras, deixaram o futuro dos filhos à matroca...

Celebração que envolvia a todos. Casa limpa, regiamen- te adornada. Azáfama de familiares, vizinhos, moradores da cidade. Guloseimas, doces, comidas, muitas delas com recei- tas especiais, retiradas dos centenários cadernos de família. O conagração da mesa farta, generosamente servida, uma rememoração dos antigos ritos agrários de fartura, decora- ção de árvores, luzes, chamas, a milenar liturgia do pão e do vinho. Exclamações de alegria, deleite ante pratos cheiro- sos, apetitosos, saídos dos fogões a lenha ou do forno caipi- ra, instalado no vasto, florido quintal, sempre sob os cuida- dos únicos da mãe, auxiliada por experientes quitandeiras da cidade. Como sobremesa, doces de leite, cidra, figo, marme- lada, goiabada, laranja da terra em terrinas de cerâmica chi- nesa ou ainda em caixetas de madeira primorosamente tra- balhadas por artesãos e carpinteiros da terra.

Sons álares de aconchego, harmonia, a mais pura alegria, família reunida, conciliados ao espírito de Natal, às expecta- tivas promissoras do Ano Novo. Sons de sinos, ao fundo, con- celebrando as milenares raízes do Cristianismo, a chegada do Menino Salvador ao mundo. Época ainda de tertúlias, saraus, folias de reis, pastorinhas, momentos dançantes, quanta efer- vescência social em suas embalagens de magia, tradição, se- dução – infelizmente hoje substituídas pelos ruídos de má-

quinas e veículos com suas buzinas estridentes, marteletes abrindo concreto, o urrar histérico de motos, carros com alto falante em último volume nos atordoando com propaga- da comercial, barulhadas e desrespeitos ao silêncio noturno.

Os irmãos menores, num trança-trança, encantados, ansio- sos, para um dia, seguirem o mesmo mágico caminho dos mais velhos. O fascínio – para todos – de saber novidades (políticas, de moda, conhecimento, eventos sociais), histórias magne- tizadoras que traziam na bagagem e na voz; o compartilhar visitas aos demais parentes (avós, tios, padrinhos), o que era uma formalidade obrigatória, prazerosa e às vezes, cerimo- niosa, formal; o bucólico caminhar pelas matas, até o riacho da infância inesquecível, ali ternamente lembrado; o ga- lopar e a cavalgada à solta pelas pradarias, cheia a lua, agra- dável a temperatura ou o reencontro com a antiga namorada ou com quem, de forma buliçosa, burlesca, em algum tempo, trocaram-se meigos olhares.

Nem tudo, todavia, eram flores. Embora o enlevo, o brilho da presença dos filhos, sobrinhos, afilhados, ao ensejo das férias escolares, há que se registrar, de nosso conhecimento, algumas tragédias em nosso meio. – Na Fazenda Rio do Peixe, na déca- da de 1920, José de Alencar, rapazinho da família Lara, de Re- sende Costa, ao visitar, como fazia anualmente, os parentes da fazenda, o proprietário, ao manusear um revólver (ali exibida a um mascate “turco”, de passagem pela região), arma que se julgava sem munição, disparou, atingindo o mocinho visitante, que, no momento, por fatalidade, achava-se sentado, na impo- nente sala de visitas da fazenda e ali tombou morto. Infortúnio familiar e social de grande repercussão à época. A insanidade de se manter armas com munição em casa, gerando tragédias similares revividas ainda recentemente em nosso meio. Enfim, pais que conviveram com a desdita de buscar o corpo e enter- rar os filhos falecidos infortunadamente no período letivo<sup>(5)</sup>.

**R.S&S**

## NOTAS

(1) Ver matérias em nosso boletim nºs XLI, Fevereiro/2011 e LVII, Junho/2012 sobre sacerdotes e religiosos filhos de nossa terra.

(2) Sugerimos, a esse respeito, a leitura dos textos “*Cartas de amor em francês*”, publicada em nosso boletim nº IX, Junho/2008 (sobre o jovem estudante de Direito José Maria Ferreira, filho de nossa terra) e “*Cel. João Luiz de Resende*” em nosso boletim nº LX, Setembro/2012, cujos filhos e filhas, estudantes em Juiz de Fora, provocavam um frisson, à época das férias, em nosso meio.

(3) Sobre o notável educador salesiano e cientista Pe. Nico- lau Badariotti, a quem toda a nossa região muito deve, reco- mendamos também a leitura de matéria em nosso boletim nº XLIX, Outubro/2011 e ainda nas obras “*Memórias de Conceição da Barra de Minas*” e “*História da Educação em São João del Rei*” ambas de autoria do estimado amigo Prof. Antonio Gaio Sobrinho.

(4) Sobre filhos de São Tiago com graduação religiosa e aca- dêmica, sugerimos a leitura do Cap. IV, págs., 43 a 45, do livro

“*Notícia Histórica do Município de São Tiago*”, autoria do Dr. Au- gusto das Chagas Viegas, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1972.

(5) Ver a matéria “*A tragédia do Rio Carandaí*” boletim nºs LVI, Maio/2012 e LXV, Fevereiro/2013 que trata do infortúnio, de formandos do Colégio S. Antonio, de S. João del-Rei, em 1936, incluindo jovens de nosso meio, um deles vítima fatal João de Oliveira Resende (Tio Zito), além de outros que saíram feridos (Vadinho Lara) ou mesmo ilesos (Homero Martins) quando da infesta queda da ponte, à véspera da formatura.

O acidente na Fazenda Rio do Peixe, assunto ainda hoje de alta sensibilidade foi tratado na obra “*Lembranças que o tempo não apagou*”, autoria de Walpira Gomes (memórias familiares).

Outro são-tiaguense, estudante em Belo Horizonte, ali tra- gicamente falecido foi Onofre Marise da Mata, vítima de atro- pelamento. Onofre era jovem combativo e ativista, participan- do do movimento estudantil que discordava do regime de 1964, pairando, até hoje, suspeitas sobre sua morte.

## ASTÚCIAS DA SAIA...

Em seu expressivo livro “*História de Bom Sucesso*” (Imprensa Oficial, B. Horizonte, 1973), Castanheira Filho narra curioso fato, que transcrevemos, *ipsis litteris*, abaixo:

“José Venâncio Vivas, de importante família, esteve no Seminário de Mariana muitos anos e na véspera de ordenar- -se, veio passear. Era inteligente, culto e daria bom padre. Veio mesmo despedir-se da vida independente e já era tra- tado por Padre Zé Venâncio.

A coisa, porém, transformou-se. Naqueles dias aqui, começou a entrar em farras com os amigos e o que foi pior, apaio- xonou-se por certa sereia. E o rapaz desistiu da batina, com grande desgosto da família, não voltando ao seminário.

Viveu até ao final na fazenda do irmão. De vez em quando, vinha à cidade passar uns dias, visitando os parentes. Era uma alma boa, sorridente e folgazão. Já velhinho, sua bengala era o guarda-chuva que não abria nunca, pois es- tava todo furado.

Durante toda sua vida continuou a ser tratado por Padre Zé Venâncio. E morreu solteiro.

É muito certo: – “Da saia ao rabo conspira o diabo...”

(Pág. 202, op.cit)

# O MENINO ATRASADO: AUTO DE NATAL – CECÍLIA MEIRELES

## DIVISÕES E ENREDO

O Menino Atrasado é uma peça dividida em quatro partes: introdução, 1º ato, 2º ato e epílogo.

A introdução é bastante breve. Três personagens – Galo, Boi e Ovelha – saúdam o nascimento de Jesus:

No centro, o Galo batendo as asas, canta:

Galo – Jesus nasceu! Jesus nasceu!

À esquerda,

Boi – Onde? Onde?

À direita,

Ovelha – Em Belém! Em Belém! Em Belém! (MEIRELES, 1967, p. 7).

No 1º ato há um desfile de personagens tradicionais brasileiros. Um coro de anjos, figuras como as do Aleijadinho, desce do céu e anuncia a chegada do Menino Jesus às pastorinhas e aos pastores, que descansam sob uma árvore. Estes, levantam-se com alegria e, dançando e cantando, saem repercutindo a boa nova aos outros personagens.

A primeira a ser comunicada é uma grande borboleta de cor verde. Depois a notícia chega a um trio de ciganas, a duas pretinhas de roça – que darão de presente ao Deus Menino uma colcha e um cobertor –, a três roceiros – que levam queijo, melado mel e rapadura –, a um grupo de baianas docesiras – que vão oferecer quitutes como cocadas, cuscuz, bolo de milho, quindim e bom-bocado.

A notícia chega também ao Violeiro Nortista e sua Companheira. E, a um grupo composto pelos personagens Costureira – que dará de presente uma camisa –, Cozinheira – que leva uma panela com papinha –, Gaúcho – que traz um boizinho, primo do Boi Barroso.

Liderados pelo personagem Vaqueiro do Norte, esse grupo encena um trecho de um Bumba-meu-boi, chamado Boi Tungão.

Dançando e cantando, todos se juntam ao grande grupo, que segue em cortejo a Belém. No fim ainda aparecem o Velho e o Sorveteiro. Os dois, depois de cantar canções populares e ralar um com o outro, avistam os Reis Magos, que atravessam o palco em silêncio, gravemente, em direção a Belém. O pano desce.

O 2º ato apresenta o presépio, disposto à maneira clássica, no alto de uma colina. A borboleta verde e os presentes dos pastores estão bem visíveis. Os Reis Magos entram um a um, e, um de cada vez, se ajoelham, cantam e oferecem seus presentes.

“Aparece de repente um poeta de cabeleira, gravata de laço grande, ar importante e entusiástico, com um copo de vinho na mão” (MEIRELES, 1967). Com forte sotaque caipira, o Poeta recita versos e dá vivas “nu glorioso santo Reis” (MEIRELES, 1967).

Em primeiro plano, em nível mais baixo na cena, há uma porta e um porteiro carancudo. O Menino Atrasado entra em cena, olha para os lados e não acha o que procura. Cantando ele diz:

Todos já se foram!  
Não há mais ninguém!

Dizem que o menino

nasceu em Belém!

Eu não tenho irmão,

não tenho um amigo,

quero esse menino

pra brincar comigo!

Por onde será

que os outros já vão?

Eu quero o menino

para meu irmão! (MEIRELES, 1967, p. 23).

Em seguida, o Menino Atrasado caminha em direção ao presépio e encontra o Porteiro atrás da cerca. O Menino diz:

Senhor porteiro,

faz favor,

abra a cancela!

Eu vim de longe,

quero ver

festa tão bela! (MEIRELES, 1967, p. 23).

Porém, o Porteiro barra a entrada do Menino:

Saia daqui,

volte pra casa.

Quem vai à festa

não se atrasa. (MEIRELES, 1967, p. 24).

A partir daí, o Menino Atrasado e o Porteiro seguem em embate. Os dois expõem seus argumentos e a tristeza do Menino cresce à medida em que o Porteiro, irredutível, se torna mais zangado. O Menino chora. Ao fundo, é possível ouvir as vozes e ver os movimentos dos personagens na festa. Por fim, o Menino Atrasado se aquietou no chão e adormece. A cortina cai lentamente.

No início do epílogo o Menino Atrasado ainda dorme. As vozes da festa são ouvidas em surdina. De repente, o Menino Jesus faz um gesto. Uma pastorinha pergunta:

Que quer o Menino

que estende os braços

chamando os anjos

que andam no espaço? (MEIRELES, 1967, p. 28).

Então, dois anjos começam a subir com Jesus deitado nas palhinhas. Outra pastorinha pergunta:

Que quer o Menino

que assim se levanta

e sai pelos ares

nesta noite santa? (MEIRELES, 1967, p. 28).

Os anjos trazem Jesus para fora. Agora, todos em coro perguntam:

Que quer o Menino

que vai para fora,

transformando a noite

numa branca aurora? (MEIRELES, 1967, p. 28).

O Menino Jesus canta:

Quem foi que chamou por mim?

Ouvi, levantei e vim.

Quem disse que me quer bem?

Eu lhe querei também.

Quem quer ser o meu irmão?

Estenda-me a sua mão! (MEIRELES, 1967, p. 29).

O Menino Atrasado diz, acordando:

Eu comecei a dormir

e comecei a sonhar

que Jesus tinha saído

do seu lugar.

E comecei a correr

e comecei a cantar.

Vamos embora depressa,

vamos brincar! (MEIRELES, 1967, p. 29).

Todos os personagens vão para o primeiro plano, com exceção do Porteiro, que vai para trás. Enquanto todos cantam e dançam, a Borboleta vem voando e canta a despedida:

Eu venho cumprimentar,

eu venho dizer bom dia!

Adeus, adeus, boa gente,

Deus lhes dê paz e alegria! (MEIRELES, 1967, p. 30).



## A Redação do

## Boletim Sabores & Saberes

deseja a todos os leitores um

## Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

Realização:



Apoio:

